

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP
ESCOLA DE EXTENSÃO DA UNICAMP-EXTECAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E
PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

ADRIANO LONGHI COUTINHO

“MEMÓRIAS FORMATIVAS DE UM PROFESSOR EM CONSTRUÇÃO: O
ENCONTRO COM A DOCÊNCIA EM FREINET, FORMAÇÃO E GESTÃO”

CAMPINAS

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP
ESCOLA DE EXTENSÃO DA UNICAMP-EXTECAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E
PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

ADRIANO LONGHI COUTINHO

“MEMÓRIAS FORMATIVAS DE UM PROFESSOR EM CONSTRUÇÃO: O
ENCONTRO COM A DOCÊNCIA EM FREINET, FORMAÇÃO E GESTÃO”

Memorial de Formação apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos de finalização do curso de Especialização, modalidade Extensão Universitária, “Educação de Crianças e Pedagogia da Infância”, sob a orientação da docente: Dr^a Sueli Helena de Camargo Palmen.

Segunda Leitora: Prof.^a Dr^a Mariana Kubilius Monteiro
Coordenação do Curso: Prof.^a Dr^a Adriana Varani

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
 Universidade Estadual de Campinas
 Biblioteca da Faculdade de Educação
 Rosemary Passos - CRB 8/5751

C837m Coutinho, Adriano Longhi, 1983-
 Memórias formativas de um professor em construção : o encontro com a docência em Freinet, formação e gestão / Adriano Longhi Coutinho. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Sueli Helena de Camargo Palmen.
 Coorientador: Mariana Kubilius Monteiro.
 Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Freinet, Método de educação. 2. Pedagogia. 3. Cultura Infantil. 4. Gestão. 5. Formação docente. 6. Gênero. I. Palmen, Sueli Helena de Camargo. II. Monteiro, Mariana Kubilius, 1985-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Educação

Titulação: Especialista

Data de entrega do trabalho definitivo: 21-11-2019

DEDICATÓRIA

*A todas as crianças potentes, singulares e autoras de cultura e aos seus professores-
pesquisadores protagonistas e defensores dos direitos delas que são a motivação e o foco
deste trabalho*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Prefeitura Municipal de Campinas, por meio da Coordenadoria Setorial de formação, por ter sido convidado e selecionado para participar desta potente formação.

À minha família, nos meus dois pais Inês e Tadeu por sempre terem acreditado em minhas potencialidades e investido em minha educação e formação e até por irem me buscar nos dias que tinha aula à noite. Ainda, agradeço pela parceria, amizade e companheirismo deles e da minha irmã Bianca desde sempre, ainda mais nesse momento mais corrido e atribulado da especialização.

Agradeço, especialmente, à professora Sueli Palmen pela primorosa e dedicada orientação, a qual respondia sempre que possível, de modo que pudemos estabelecer uma grande parceria.

Agradeço imensamente a todos os professores e professoras do curso pelas aprendizagens, aulas e a construção de conhecimento, estimulando nossa autoria, participação e protagonismo, bem como a troca de experiência entre todas e todos cursistas. Parablenizo todo material e teoria socializada pelos professores do curso.

Também, agradeço a dedicação, empenho e carinho da coordenação do curso: Professora Adriana Varani e os monitores Nicolas, Bianca, Hosana e Cíntia, que tanto apoiaram na realização do curso, bem como a todos os funcionários e funcionárias da Faculdade de Educação da UNICAMP.

Às minhas colegas de curso Heloisa e Andreia pela amizade, paciência e parceria, na qual foi um presente ter conhecido as mesmas, neste percurso formativo.

E por fim a todas as crianças e professoras da escola onde atuo, o CEI Agostinho Páttaro, de modo que pude estabelecer um diálogo e relação com o fazer com as crianças neste espaço educativo, levando tais produções e experiências para as aulas da especialização, contribuindo para os trabalhos desta formação e para minha aprendizagem. E agradeço as contribuições desta formação que poderei levar para minha prática e irá agregar em minha atuação docente.

Invariante Pedagógica nº 27: Prepara-se a democracia de amanhã pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não pode ser formador de cidadãos democratas

Invariante Pedagógica nº 32: Finalmente um invariante que justifica todos nossos tateios e autentica nossa ação: é necessário ter esperança otimista na vida.

(livreto: Os Invariantes Pedagógicos, Celestin Freinet, traduzido por Ruth Joffily).

RESUMO

Neste memorial de formação do curso de especialização- modalidade extensão universitária- “Educação de Crianças e Pedagogia das Infâncias” vem à tona como um trabalho de conclusão de curso que dialoga com a minha prática docente e a minha história e experiência vida pessoal e profissional, articulando com os teóricos e as aprendizagens do referido curso. Inicia-se este memorial com uma perspectiva e ideia inicial deste trabalho narrativo. No primeiro momento relatei de como me tornei professor e todo meu percurso formativo e profissional até o momento e de como a Pedagogia Freinet foi me afetando e influenciando a minha prática. Em seguida, abordei meu percurso como formador de educadores, em paralelo à minha atuação como professor de Educação Infantil. No decorrer do trabalho, apresentei minhas situações singulares e próprias- dentro da profissão- da questão e relação de gênero na Educação infantil; trouxe discussões e reflexões da influência e contribuição da gestão, quando esta acredita e defende o trabalho inovador dos professores e da escola em conversa com a Pedagogia Freinet e meu percurso da minha rápida passagem na gestão e de como cheguei nessa atuação. Todas essas experiências estarão em diálogo com a Pedagogia Freinet e cada assunto não está de forma fragmentada neste trabalho, cada assunto vai perpassando o outro e se costurando em todo memorial. E finalizo, como uma abertura para futuras pesquisas e narrativas.

Palavras Chave: Pedagogia Freinet; Culturas Infantis; Gestão, Formação; Gênero; Educação Infantil

ABSTRACT

In this memorial of formation of the specialization course - university extension modality - “Children Education and Childhood Pedagogy” comes up as a course completion work that dialogues with my teaching practice and my history and experience personal and professional life, articulating with the theorists and the learning of that course. This memorial begins with a perspective and initial idea of this narrative work. In the first moment I reported how I became a teacher and all my training and professional career so far and how Freinet Pedagogy was affecting me and influencing my practice. Then I approached my career as a teacher educator, in parallel with my role as a preschool teacher. In the course of the work, I presented my own and unique situations - within the profession - of the gender issue and relationship in early childhood education; brought discussions and reflections on the influence and contribution of management, when it believes and defends the innovative work of teachers and school in conversation with Freinet Pedagogy and my journey of my quick passage in management and how I came to this performance. All these experiences will be in dialogue with Freinet Pedagogy and each subject is not fragmented in this work, each subject goes through the other and sewed in every memorial. And finally, as an opening for future research and narratives.

Keywords: Freinet Pedagogy; Children's Cultures; Management, training; Genre; Child education

SUMÁRIO

NARRATIVAS FORMATIVAS E TATEAMENTOS INVESTIGATIVOS: a	
constituição de um professor homem na educação infantil.....	10
- Como me tornei professor de educação infantil e pedagogo.....	13
- Do caminhar formador de professores.... E a Pedagogia Freinet neste processo.....	35
- As relações de gênero na singularidade do professor homem na educação infantil..	46
- A especificidade da gestão na educação infantil e a experiência como gestor – o	
diálogo com a Pedagogia Freinet.....	51
CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

NARRATIVAS FORMATIVAS E TATEAMENTOS INVESTIGATIVOS: a constituição de um professor homem na educação infantil

Aproximando-se do final do curso é chegado o momento de pensar numa temática de pesquisa e estudo, para a finalização e certificação do curso de especialização “Educação de Crianças e Pedagogia da Infância”. No meu caso, para além da obrigação formal do curso tenho a intenção de interesse em pesquisa e carreira acadêmica, deste modo orientei minha escolha, para algo que tivesse diálogo com minha prática profissional docente e de formador e que fosse algo que gostasse de estudar e pesquisar.

Partindo do pressuposto acima como atuo como formador de educadores em Pedagogia Freinet há quase cinco anos e pratico tal Pedagogia, desde que ingressei na Rede Municipal de Ensino de Campinas, ou seja, há 10 anos, sempre atuando na Educação Infantil. Narrar minhas experiências teórico-práticas se torna significativa neste momento.

Essa perspectiva teórica e prática coloca-se no pensamento pedagógico antiautoritário, na qual Freinet apresenta-se como um dos seus principais percursos e referência. A valorização do trabalho é um dos focos da Pedagogia Freinet. (GADOTTI, 2005)

E a Pedagogia Freinet – pensando em seu constructo teórico e prático- tem seu centro na educação do trabalho- que não se trata de uma preparação para o mercado do trabalho, a livre expressão e a pesquisa, como alguns de seus princípios. E o Freinet já agregava a aula-passeio- ou aula das descobertas-, texto livre, correspondência escolar, imprensa escolar, livro da vida, ateliês de trabalho, roda da conversa, álbuns coletivos dos projetos e pesquisas, o fichário cooperativo de trabalho, dentre outras, são algumas das técnicas que o referido educador empregava. Freinet diferenciava-se de outros educadores da escola nova, pois dava ao trabalho um sentido histórico, de luta de classes e emancipação. (GADOTTI, 2005)

Por ser uma proposta pedagógica que me move e que me afeta, senti que seria o momento de me debruçar e pesquisar sobre a Pedagogia Freinet, e enfim, poder materializar uma produção acadêmica nessa perspectiva.

No texto deste memorial busco apresentar os princípios e instrumentos da Pedagogia Freinet e dialogar com minha prática como professor e formador de professores. Focalizo também a especificidade da gestão escolar da Educação Infantil e o diferencial quando o gestor acredita e tem sua concepção pautada em tal proposta., e vemos aqui o objetivo do referido memorial.

Ao longo deste texto perpasso pela questão de gênero, por ser algo que vivo em minha atuação docente, por ser algo que foge do padrão estabelecido, do socialmente aceito e não e

visto como natural o que causa certo estranhamento haver homens na docência da Educação Infantil.

Optei pela escrita na forma de Memorial de Formação, pois toda essa minha ideia de pesquisa tem total diálogo e relação com minha atuação como professor, formador e gestor- pois substitui orientador pedagógico e vice-direção por alguns meses em 2015.

Na disciplina “Planejamento, registro e organização do trabalho pedagógico” encontrei relação com minha prática e com meu cotidiano, estabelecendo relações com os instrumentos e princípios da Pedagogia Freinet nas aulas. Esse contato na disciplina me fez indicar a professora Sueli Palmen, como minha orientadora no processo de finalização do curso de especialização “Educação de crianças e pedagogia da infância”, até por sermos da mesma rede de ensino, estabelecendo assim um diálogo e parceria sobre o cotidiano e minha experiência, prática e atuação.

Como segunda leitora, a indicação da professora Mariana Kubilius Monteiro deu-se, pois, me identifico com sua área de pesquisa, sem contar que também já foi da mesma rede de ensino que eu. Na disciplina “Educação e Diferença”, do referido curso de especialização, a docente Mariana abordou a questão de gênero ligada aos profissionais da educação temática do seu mestrado e doutorado e faz parte da fundamentação teórica e discussões que trago em meu texto, sendo mais uma parceria na construção desse memorial reflexivo. Escolho a referida professora e pesquisadora, pois além de já termos trabalhados juntos, acompanhei seu processo de pesquisa de mestrado e doutorado e já mantive e estabeleço ainda hoje grande afinidade, amizade e parceria pessoal e profissional

Pois, como já dito, ainda Vale ressaltar que a segunda leitora deste trabalho foi professora nesta unidade educacional e acompanhei seu processo formativo e de pesquisa do mestrado e doutorado, de forma que mantemos uma parceria e afinidade até os dias atuais

Início esse memorial abordando e relatando sobre minha prática profissional, o porquê da escolha de ter feito a graduação em Pedagogia e de ter me tornado professor de Educação Infantil e o que e como a Pedagogia Freinet me afetou e me afeta nesse percurso e na atuação docente. Em seguida abordo os princípios e instrumentos da pedagogia Freinet na relação com minha prática docente mais atual, bem como tratar da vida, princípios, concepções e biografia de Freinet, relacionando com meu cotidiano e com minha concepção de infância.

Ao longo do texto apresento a origem da minha atuação como formador, pontuando algumas questões da formação de professores, bem como da minha formação e as relações da Pedagogia Freinet com tais aspectos e singularidades (formação e minha atuação como formador). Também pontuo a questão de gênero em minha prática profissional, como

professor da infância, com todos os avanços, retrocessos, estranhamentos, lados positivos e negativos e pontuar essa questão de forma geral com a docência de homens na Educação Infantil.

Acabo perpassando pela Gestão na Educação Infantil, pois também atuei como gestor por um período da minha caminhada, por isso apresento minhas reflexões sobre a gestão escolar de forma geral e a especificidade e singularidade da gestão da Educação Infantil, relacionando com minha atuação como gestor da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, na forma de substituição, via processo seletivo. Abordo, também, o diferencial da gestão que acredita na proposta da escola ou do professor, pontuando o caso específico da Pedagogia Freinet.

Trago minhas vivências, registros e discussões com as profissionais do CEI Tancredo Neves e CEI Agostinho Páttaro- escola onde atuo atualmente-, considerando as conversas com as profissionais dessas unidades no cotidiano e nas formações continuadas, na relação com a Pedagogia Freinet.

Nas considerações finais deste memorial de formação apresento uma reflexão de tudo o que foi abordado e dito, numa relação com o cotidiano e com a minha atuação e prática.

Vale destacar que o referencial teórico que ampara as discussões são: as bibliografias da Pedagogia Freinet em si; Freinet- Evolução Histórica e atualidades, da Rosa Maria Sampaio; História das Ideias Pedagógicas, de Moacir Gadotti, na parte que aborda a Pedagogia Antiautoritária e a Pedagogia Freinet; Pedagogia(s) da Infância-Dialogando com o passado e construindo o futuro (organizado por Júlia Oliveira-Formosinho; Tizuko Morchida Kishimoto e Mônica Pinazza), me atendo e focando aos capítulos sobre Freinet; Celestin Freinet- coleção Educadores MEC; Para uma escola do Povo; artigos do movimento Freinet e da Escola Moderna traduzidos pela Ruth Jofilly, entre obras sobre o educador Celestin Freinet.

Para falar da gestão me pauto no artigo sobre gestão escolar da Educação Infantil intitulado “Reflexões sobre a especificidade da gestão na Educação Infantil”, escrito sob encomenda da Revista Pátio, bem como a tese de doutorado “O trabalho do gestor na Educação Infantil: concepções, cenários e práticas”, ambos da professora Sueli Palmen, a orientadora deste trabalho.

Sobre gênero nossas referências são os artigos: “Educadoras de Creche: entre o feminino e o profissional” e “Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil” sendo as duas produções de Ana Beatriz Cerisara; o artigo “Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de investigação” e a dissertação de mestrado “Trajetórias na docência:

professores homens na Educação Infantil”- focando mais nos capítulos 3 e 4-, escrito por Mariana Kubilius Monteiro, de modo que teve como orientadora dos dois trabalhos, a professora Helena Altmann.

Em um diálogo com as questões de gênero na Educação Infantil, bem como para abordar a especificidade e singularidade deste segmento utilizamos a tese de doutorado “Gênero e gestão da Educação Infantil: trajetórias e experiências de homens e mulheres que trabalham como diretores (as) educacionais- mais especificamente de sua introdução e capítulos 4 e 5-, de autoria da professora Mariana Kubilius Monteiro, sob a orientação da Professora Helena Altmann.

Para ter material para uma escrita mais poética e estética, me inspirei em livros, como: Gramática da Fantasia, de Giane Rodari, outras produções do autor Eduardo Galeano e a Pedagogia do Bom Senso, de Celestin Freinet. Por fim, essas são algumas ideias e pensamentos iniciais da pesquisa, que inspiraram a escrita desse Memorial para conclusão do curso de especialização “Educação de crianças e pedagogia da infância”.

Como me tornei professor de educação infantil e pedagogo

Diferentemente da maioria dos educadores e professores que sempre sonharam em exercer essa profissão, comigo aconteceu de forma um pouco diferente, considerando a minha multiplicidade e singularidade como condição humana.

Tive essa vontade de me tornar educador, mais tardiamente do que, geralmente, ocorre com a maior parte dos professores, pois normalmente se vê professores que tiveram essa intenção desde a infância, e não vejo essa profissão de educador, como uma vocação que surge na infância ou adolescência, mas sim que é um aspecto construído no seu percurso de vida pessoal e profissional.

Comecei a me interessar pela área da Educação e Pedagogia no segundo ano do ensino médio, quando um professor me disse que para quem quisesse ser Pedagogo, deveria e poderia se interessar por diversas áreas do conhecimento e campos do saber, sendo assim comecei a me aproximar mais da ideia de prestar o vestibular para Pedagogia.

Enfatizo até que nem era um professor mais afetuoso e que gostava muito, possuía pouca afinidade com o mesmo, mas esse apontamento dele me fez me aproximar do mesmo e da área da educação. Após terminar o Ensino Médio fiz cursinho pré-vestibular em um espaço organizado por ele e no segundo semestre de 2003 trabalhei na secretaria dessa escola nos horários que não tinha aula, sendo que foi minha primeira experiência profissional em escola e em diálogo com a gestão escolar.

Por estar, muito em dúvida sobre qual profissão escolher e seguir fiz na escola em que estudava- o Colégio COC Campinas- um teste vocacional, no qual saiu como aptidão para professor ou Pedagogo. Acabei optando por prestar o vestibular para Pedagogia, mas no referido ano de 2002 acabei não passando no vestibular da UNICAMP. Fiz mais dois anos de curso pré-vestibular, para tentar ser aprovado nesse processo seletivo e amadurecer a ideia de ser ou não educador.

Mas, como após dois anos não consegui ser aprovado no vestibular de Pedagogia da Unicamp, decidi me matricular para o curso universitário de Pedagogia numa universidade particular. E em 2005 prestei o vestibular e me matriculei no curso de Pedagogia da Universidade Paulista-UNIP, no qual tive professoras que foram minhas supervisoras na Prefeitura Municipal de Campinas, posteriormente.

No início da graduação estava com o intuito e objetivo profissional de trabalhar com direção, coordenação, supervisão ou orientação pedagógica. No entanto, após realizar o estágio em educação infantil, me identifiquei e me encantei pelo Magistério desse segmento educacional e pelas crianças de modo geral, fiquei afetado pelo universo das culturas infantis e pelo fato singular e particular dos pequenos se relacionarem com o mundo.

E por sempre ter gostado de crianças me fez me aproximar mais desta opção profissional da Educação Infantil, mas tinha algum receio por praticamente não haver homens nesta área, pois sabia das dificuldades que encontraria, devido à resistência que ocorre por parte de algumas famílias e até por profissionais da Educação. Enfatizo que o fato não foi o primordial em minha escolha profissional, tal fato contribuiu, mas não foi o único motivo, sendo o olhar docente e profissional o foco maior em minha opção.

Após terminar a graduação já estava com a esperança e atento às notícias de que abrisse um concurso público para professores de Educação infantil, pois nesse momento já era meu objetivo profissional, com foco maior para Prefeitura Municipal de Campinas - SP, pois pelos estágios e aulas com os professores e professoras da graduação percebi ser uma rede de ensino, na qual se aproxima com minha concepção de infância e que possui um trabalho em que eu acreditava.

Estava bem esperançoso para a abertura de um concurso, pois entre 2006 e 2007 eu tinha prestado um processo seletivo dessa mesma prefeitura citada, e tinha passado em primeiro lugar, porém não havia concluído o curso e como não tinha o magistério não pude assumir a minha vaga, ficou a título de experiência de vida.

Em seguida, após ter me formado em Pedagogia, me matriculei em dois cursos de extensão: “PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática pedagógica para Educação Infantil (4

a 6 anos)” e “PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação da Criança de 0 a 3 anos”, promovido pelo Laboratório de Psicologia Genética (LPG) da Faculdade de Educação da Unicamp, para me aprofundar nos estudos teóricos e práticos em Educação Infantil e Construtivismo. Era um curso de formação baseado na psicologia e na teoria piagetiana, na qual atualmente não bebo dessa fonte, mas que foi importante ter participado desse momento formativo, para minha constituição singular e pessoal como indivíduo e docente.

Após alguns meses dos cursos, ao conversar com a professora Roberta Rocha Borges, autora e docente desse curso e pedagoga do grupo de pesquisa que coordena os mesmos (professora com que já realizei outros cursos e que atualmente sou aluno da mesma como estudante especial da pós-graduação na Unicamp) e a convite dela, comecei participar do Serviço de Atendimento e Intervenção Pedagógico (SAIP), no qual atendi crianças com dificuldades de aprendizagem e era vinculado ao LPG, mas o referido serviço foi extinto em agosto de 2009, com a saída dessa professora do grupo.

Soube desses cursos, por meio de uma amiga da faculdade e que era educadora infantil em Paulínia- na época e continua até hoje, realizou o curso “PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil” e ao relatar sobre as discussões, reflexões e sugestões de prática pedagógica, acabo na época tendo muito interesse em fazer o curso. Realizei, também, tais cursos referentes à pré-escola e ao ensino fundamental, entre os anos de 2008 e 2010.

E no final dos cursos citados acima, abriu o concurso para profissionais da educação do município de Campinas, e com a finalização dos cursos de extensão realizados me identifiquei mais ainda com a Educação Infantil e acabei optando por prestar concurso público para os cargos de agente de educação infantil e professor de educação básica I-educação infantil.

O fato de quase não haver homens nestes cargos, não impossibilitaria a minha escolha, até porque não há nenhum impedimento legal nessa questão, este fato seria apenas mais uma barreira que teria que enfrentar e não um empecilho.

Após realizar a prova e terem divulgado a classificação, fiquei bem feliz fui convocado para a escolha da unidade de trabalho. Até hoje creio que tomei a decisão certa. Cheguei para a escolha com muitas dúvidas, e lá vi que não havia opção de escolas próximas da minha casa - como já imaginava e era de se esperar, para os novos que chegam - e o único bairro que eu conhecia de nome era o Parque Itajaí, sabendo que era um bairro bem, mas bem distante do centro da cidade.

Ao conversar com uma supervisora educacional, esta me disse que era uma boa opção por ser uma unidade nova, só que o local não era perto, mas que ainda estava disponível para escolha, pois ainda iria ser inaugurado, e o que me fez pender pela possibilidade de toda equipe começar junta e construir coletivamente o projeto pedagógico e o trabalho da escola, sendo assim escolhi um agrupamento III (com crianças de três a seis anos) no CEI Deputado Federal João Herrmann Neto - que na época se chamava CEMEI Parque Itajaí, e era a única unidade que não possuía, ainda, um nome oficial.

Então dia 12/02/2009 eu assumi meu cargo de professor de educação infantil e dia 20/02/2009 tive meu efetivo exercício, no CEI Professora Idalina Caldeira de Souza Pereira, na qual prestei serviço até minha unidade sede inaugurar, ficando em turmas de agrupamento III (crianças de 4 a 6 anos) e de agrupamento II (crianças de 2 e 3 anos) e realizando serviços burocráticos e de secretaria desta unidade e viabilizando as matrículas do CEI Deputado Federal João Herrmann Neto. Foi um grande momento aprendizado antes de iniciar o trabalho com as crianças de minha turma e ir me aproximando com o trabalho administrativo escolar, que foi uma experiência para mim que assumi uma função de gestor, por alguns meses, anos depois. Nesse momento nem imaginava que substituiria a função de orientador pedagógico e vice-diretor educacional.

A primeira pessoa da equipe gestora do CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, foi a vice-diretora que foi substituir a diretora, por um momento, no CEI Idalina Caldeira, pois esta unidade estava sem equipe gestora. Conheci o primeiro membro da equipe gestora já nessa situação de falta de funcionários e de dificuldades de uma rotina escolar.

Esta escola contava apenas com uma monitora readaptada na secretaria e duas professoras ajudavam informalmente na orientação pedagógica, coordenação dos TDC's (trabalho docente coletivo) e no andamento da rotina e da unidade. Nesse momento fiquei espantado pelo descaso, a falta de estrutura e de vontade política da prefeitura, para com escolas de bairros mais afastadas, o que não vejo em minha atual unidade educacional, localizada em Barão Geraldo.

Vários funcionários estavam em outras unidades educacionais prestando serviços, mas chegando o momento da inauguração todos os funcionários foram deslocados para a EMEI Brincando Com as Letras, unidade na qual encerrou suas atividades alguns meses depois da Inauguração do até então CEI Parque Itajaí, para irmos pensando no projeto político pedagógico de nossa unidade educacional e ir realizando alguns serviços administrativos e organizacionais para a inauguração.

Estávamos pensando no nome do CEI de ser de uma professora da rede municipal de Campinas, que havia falecido há alguns anos, já tínhamos iniciado o processo de escolha e aprovação desse nome e que era um nome indicado pela comunidade, quando para nossa surpresa, tivemos a notícia que a câmara de vereadores havia aprovado outro nome, o CEI do Parque Itajaí, se chamaria CEMEI Deputado Federal João Herrmann Neto, amigo e político do Dr. Hélio de Oliveira Santos, o então Prefeito de Campinas.

Antes da inauguração já fui pensando e encaminhando minha formação profissional continuada, como já havia feito dois cursos do PROEPRE e como participava da equipe do laboratório que coordenava os cursos, atendendo crianças com dificuldades de aprendizagem, me matriculei e fiz o curso PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para o Ensino Fundamental.

E como fui percebendo que a rede de ensino do Município de Campinas utilizava uma proposta pedagógica diferente da que o PROEPRE se baseava, fui à busca de outros cursos de formação, para me apropriar de uma proposta que dialogasse com as diretrizes e orientações da rede municipal de ensino de educação de Campinas, que na época o documento curricular vigente era o Currículo em Construção (1998).

Tal documento citado acima, que foi construído coletivamente pelos profissionais da Rede Municipal de Ensino de Campinas, e que tem como aporte teórico em autores como Piaget, Vigostki e Wallon que explicitava e representava o histórico da Educação Infantil, até o momento de sua elaboração, em 1998. Mas não tinha suas concepções voltadas totalmente para a psicologia educacional, contemplava as concepções de currículo, de infância, de criança, do brincar e sobre o conhecimento e a cultura. Era a primeira proposta curricular oficial da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. (CAMPINAS, 2013)

Mesmo o documento "Currículo em Construção" ter a teoria piagetiana em seu aporte teórico- como a do PROEPRE- já ia para outros caminhos, pois apontava para uma possibilidade de uma criança construtora de seu conhecimento e olha para o professor como mediador de seu processo educacional. (CAMPINAS, 2013)

Em 2009, nesse meu período de ingresso da Rede Municipal de Ensino de Campinas, é lançada e elaborada a "Proposta Curricular da Educação Básica- Educação Infantil" que já avançava nos pensamentos e ações do "Currículo em Construção" e se referencia no cotidiano teórico-prático construído e constituído pelos profissionais, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Já se percebe aqui uma transição das concepções da psicologia mais para vertente da sociologia e filosofia da infância, sendo um prenuncio das diretrizes curriculares municipais da Educação Infantil, deste modo já fui repensando as minhas

concepções e me aproximando da Pedagogia Freinet, até pelo o afetamento que a mesma começava a causar no meu eu, deixando claro que não um purismo de concepções de currículo, pois múltiplas e diversas concepções coexistem. (CAMPINAS, 2013)

Podemos comprovar essa coexistência de concepções, quando Cerisara (1999) traz o questionamento de que há uma falsa divisão entre o assistencialismo e o educativo, ainda hoje, no cotidiano e no trabalho pedagógico das creches e pré-escolas, pois ambas as concepções se vê ainda hoje, de forma fragmentada, já superada no discurso, mas muito visível nas práticas.

Em conversas com colegas de profissão e pertencentes à Prefeitura Municipal de Campinas; em reuniões com a orientadora e coordenadora pedagógica e na observação de práticas, fui percebendo que os princípios e propostas da referida rede de ensino estabelece um diálogo com os pressupostos sócio-interacionistas e freinetianos.

Ao saber do curso de extensão “Pedagogia Freinet: Vida e Cidadania na Escola”, promovido pela Faculdade de Educação da Unicamp, me matriculei no mesmo, e no curso, e pensou-se e discutiu-se estratégias diferenciadas para a educação das crianças que dialogassem com a proposta sócio interacionista.

Tal curso contava com a presença da diretora da Escola Curumim-que era especialista e formadora em Pedagogia Freinet (fato que me tornei posteriormente), o que foi importante para minha formação ter contato com uma proposta baseada na autonomia e cooperação e que conversasse com mais proximidade com os pressupostos da rede municipal de ensino de Campinas, naquele momento.

Nesse período nem imaginava que me tornaria formador de professores, ainda, mais na área da Pedagogia Freinet, mas já fui me encantando com afetamentos pelas propostas e vida do educador francês Celestin Freinet.

E quem é o Freinet de quem falo?!

Freinet (1896-1966) foi um educador francês- que nasceu no dia do professor- que lutou e passou por duas grandes guerras. Na I Guerra Mundial teve um ferimento no pulmão, o que lhe trouxe sérias consequências de saúde. Como falava baixo e cansava-se rapidamente, o fez buscar novas alternativas de se relacionar com as crianças e de conduzir o seu trabalho. Este educador afirmava a existência de uma dependência dialógica entre escola e meio social e cultural e que não existia uma educação ideal, sem a luta de classes, o que fez optar pela classe trabalhadora e a busca de uma renovação e transformação na Educação (GADOTTI, 2005).

E em um pequeno vilarejo, o Freinet recém-formado introduzia a imprensa escolar dentro de sua sala de aula multietária, e ao mesmo tempo dava início ao movimento nacional da escola moderna, com a publicação de seus artigos em vários jornais do país. (LEGRAND, 2010)

Uma atuação singular e paralela à sala de aula foi como membro ativo do sindicato e do partido comunista francês, tanto que visita a União Soviética em uma delegação sindical. E essa sua trajetória sindical exerceu enorme influência na concepção de sua pedagogia popular e de educação do trabalho que aqui começava a se configurar. (LEGRAND, 2010)

Em 1928, após conhecer sua fiel companheira Elise, o casal é transferido para outra cidadezinha. Nesse momento, os princípios e técnicas principais de sua Pedagogia já estavam mais construídos e delineados e a Cooperativa de Ensino Laico encontrava-se mais organizada. Mas esse outro vilarejo, chamado Vence, era um centro turístico, e a presença de dois professores comunistas não era bem vista- muita semelhança com os dias de hoje. (LEGRAND, 2010)

E a circulação de textos falando da falta de estrutura da escola e as narrativas espontâneas das crianças criticando cidadãos ilustres da cidade, foram o estopim para que as autoridades direitistas da municipalidade conseguissem a transferência desses professores inconvenientes. Nesse período histórico, do ano 1933, havia um crescimento da extrema direita na Europa, que culminou no fascismo e nazismo, da mesma forma que vemos esse avanço pelo mundo atualmente. (LEGRAND, 2010)

Legrand (2010) nos relata que o casal Freinet recusa essa transferência e solicita a demissão do ensino público que é aceita e, assim, foram se dedicar e integrar para o inteiro à Cooperativa de Ensino Laico, que se tornou uma verdadeira instituição de produção de materiais didáticos e fichários de trabalho e de publicação de artigos e de documentos sobre educação. E nos anos seguintes, nasce a ideia de uma escola livre e experimental, o projeto foi apoiado pelo movimento e por amigos da imprensa e do partido da esquerda. O local ficava em meio à natureza, propício para as crianças viverem a infância, a pesquisa e as descobertas.

Na mesma obra, Legrand (2010) nos conta que com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Freinet que já era conhecido como comunista é considerado perigoso, pelo governo francês, por eventuais atividades subversivas de sua organização. Freinet chegou a ser preso no campo de concentração, mas logo libertado. Em 1948, a Cooperativa de Ensino Laico transforma-se em Instituto da Escola Moderna, sendo um grande centro de difusão e produção de material pedagógico e educacional. Freinet falece em 1966 e sua esposa e grande parceira,

Elise Freinet, se dedica em manter viva a memória deste grande educador, o movimento continuou após a sua morte.

Gadotti (2005) coloca que para Freinet, a escola popular do futuro seria a do trabalho-fato que ainda não vimos concretizados, pois dizia que quando o povo chegar ao poder terá a sua escola e a sua pedagogia e que não podemos esperar mais para adaptar a nossa Educação ao mundo que está nascendo, sendo uma questão que está longe de se efetivar na prática.

Pelos pensamentos freinetianos, o professor deveria ser formado menos ao ensino e mais ao deixarem as crianças viverem a vida e a infância. E o educador deve organizar o trabalho e materiais, de modo a não ser um obstáculo e barreira ao impulso vital das necessidades e interesses da criança, ou seja, que seu compromisso com a aprendizagem nas crianças não impeçam o vigor e as potencialidades de cada uma delas. (GADOTTI, 2005)

Gadotti (2005) coloca numa relação com a concepção freinetiana, que o papel do professor dialoga-se com uma postura antiautoritária e que deva dar consciência à criança de sua força, e assim, convertê-la em autora de seu futuro e cultura, em meio às grandes ações coletivas.

Em vários dos meus momentos e percursos profissionais realizei diversos cursos sobre a Pedagogia Freinet, no qual destaco os realizados com Ruth Jofilly- uma grande referência em Pedagogia Freinet. E nesses emaranhados de processos e ações formativas, acabei me aventurando na prática da Pedagogia Freinet e como formador de professores com foco nessa perspectiva de trabalho, fato que irei relatar em outro ponto deste memorial.

Era um momento de muita ansiedade e angústia, pois para mim estava demorando demais a inauguração do CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, mas tinha muito ânimo sobre a inauguração, para poder realizar um trabalho de qualidade, com a construção de um trabalho coletivo, onde o centro de educação infantil fosse um ambiente democrático e estava com muita preocupação em assumir uma sala e o trabalho de educador, de forma que valorizasse a criança como produtora de conhecimento e cultura.

Esses meus anseios se confirmaram. Hoje vejo que enquanto fiquei nesta unidade educacional (fiquei nesta escola até agosto de 2015) conseguimos trabalhar coletivamente, com uma proposta que valoriza a produções, os interesses e necessidades das crianças, dentro dos limites da estrutura e políticas educacionais municipais, das condições reais do nosso cotidiano e considerando os conflitos naturais entre os profissionais, crianças e famílias, tão pertinentes à nossa dimensão humana.

No final de junho, a unidade foi inaugurada, com o evento de Prefeitura Itinerante, havendo a participação e mobilização de todos os funcionários da escola e no dia 01/07/2009,

o referido CEI iniciava suas atividades. Só após alguns meses, o diretor Ivan conseguiu formar o Conselho de Escola, no qual sempre participei como conselheiro do segmento dos docentes, até hoje em setembro de 2019, por todas as escolas que passei fiz parte do Conselho de Escola.

Conforme já relatado anteriormente, em agosto de 2009, houve uma mudança no Laboratório de Psicologia Genética, no qual já participava como voluntário. Com a saída da pedagoga desse laboratório o SAIP foi extinto, e após a extinção do mesmo, comecei a fazer parte do Núcleo de Investigação Psicopedagógica e dos Problemas de Aprendizagem e Desenvolvimento (NIPPAD), vinculado ao Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Unicamp, na qual atendia as crianças com dificuldades de aprendizagem.

Como participante de grupo de pesquisa, comecei a me aventurar no campo das pesquisas acadêmicas e de propostas mais relacionadas ao ensino fundamental, o que foi potente profissionalmente, pois anos mais tarde substituiria a vice-direção de uma escola de Ensino Fundamental, e lidaria com essas questões discutidas no grupo.

Devido à distância da Unicamp até a minha escola, localizada no Parque Itajaí, ficou complicado meu deslocamento, e assim, por volta de 2010 e 2011, optei por me desligar desse atendimento e grupo de pesquisa, pois achei mais válido me dedicar a minha atividade inicial de docência.

Mesmo sendo apaixonado pela Educação Infantil e ser uma faixa etária que me encanta e possibilita maior flexibilidade na atuação docente, vejo como importante estudar e pesquisar as questões do ensino fundamental e do processo de aprendizagem, como um todo.

Anos mais tarde iniciei o curso de especialização de Psicopedagogia Institucional e Clínica, pude atuar como formador do PNAIC (Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa) para Educação Infantil e em 2018 comecei a participar do GRUPAD (Grupo De Estudos Em Alfabetização Em Dialogo), vinculado ao GEPEC (Grupo De Estudos E Pesquisas Em Educação Continuada), motivado pelo meu interesse nas aprendizagens e pela produção de culturas pelas crianças e a leitura e escrita como prática cultural.

Voltando ao relato de como cheguei até aqui como professor, mesmo tendo demorado mais do que imaginava para o CEI iniciar suas atividades e apesar das dificuldades e dúvidas de como encaminhar a minha prática profissional, em um equilíbrio do não autoritarismo e a construção de conhecimento e cultura pelas crianças, não me arrependo da minha escolha inicial de unidade de trabalho: o CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, pois foi um local de muita aprendizagem profissional e onde estabeleci parcerias profissionais e amizades pessoais até hoje.

No ano de 2009 foi muito bom por ter começado a exercer a profissão de professor, mas foi bem difícil por ser a primeira vez que assumia uma turma de Educação Infantil, ainda mais por termos iniciado as atividades no meio do ano, e havia algumas reclamações de algumas famílias por ser um professor, do gênero masculino, mas houve muito aprendizado nesse ano, para minha prática profissional.

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e que é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Apesar das diversas produções acadêmicas e pesquisas sobre gênero e haver 17 anos de distanciamento da publicação aqui citada, ainda, se faz importante e necessário refletir e problematizar que o conceito de gênero legitima e constrói as e pelas relações sociais, existindo uma natureza recíproca entre gênero e sociedade, de modo que se concretizam de maneiras particulares e situadas historicamente, e assim, trazer tais contextos e estudos para questões do cotidiano e das/ nas relações educacionais. (SCOTT, 1995 Apud CERISARA, 2002)

Nessas relações de gênero se traz diversas concepções: gênero se constitui culturalmente e na relação com seu outro; não se dá apenas questões e estudos das mulheres, mas de homens também; constitui-se como uma categoria relacional e histórica; deve ir além do biológico; há uma imbricação social; há diversas representações simbólicas de como a sociedade se relaciona com o gênero; há implicações não só no doméstico e privado, mas no profissional, também; dentre outras visões. (CERISARA, 2002)

Segundo Altmann e Monteiro (2014) a função da docência é exercida em uma predominância de mulheres no Brasil e em diversos países, e essa proporção desigual entre os sexos e a profissão é ainda mais acentuada nos casos do magistério da primeira infância, pois quanto menor a criança, menor é a participação de homens na docência e menores são os salários, de modo que o oposto acontece no Ensino Superior. Pois a educação de crianças pequenas é associada ao trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo naturalizada como atuação feminina, desde sua origem social.

Traz-se aqui gênero não é somente ligada ao determinismo biológico e ao sexo, sendo esta uma categoria relacional e analítica, e não sendo fixas e que emergem historicamente. Há diversas masculinidades e feminilidades e que as relações de gênero variam, de acordo com as diversas classes sociais, etnias e contextos. (ALTMANN; MONTEIRO, 2014)

Altmann e Monteiro (2014) colocam que na maioria dos casos que tem conhecimento, os professores que atuam com a educação infantil, primeiro optaram primeiro pelo curso de formação inicial em Pedagogia, pois é necessária tal formação para o ingresso na carreira de

docente e, depois, optam pelo exercício profissional, como professor de educação infantil, ou seja, são dois momentos de uma escolha pouco provável e não habitual socialmente falando, primeiro a do curso de formação inicial e, posteriormente, o do cargo. Há outro momento de escolha e de resistência que é o de continuar no cargo, diante da especificidade do gênero masculino, como professor de educação infantil

Vários professores relatam a existência de algum tipo de “estranhamento” nesse começo, seja por parte de cada um deles em relação ao trabalho a ser desenvolvido, seja pelo “olhar do outro” (tanto por profissionais, como por parte das famílias), acerca de sua presença em uma profissão exercida predominantemente feminina e quase sempre havendo um olhar de suspeita sobre essa singularidade.

A presença dos homens na docência na Educação Infantil causa uma ruptura, ainda que de forma restrita- e muitas vezes subliminar e velada-, com noções de masculinidade evidenciadas na comunidade e com a expectativa de perfil do docente que optou por atuar com a primeira infância. Tudo isso é visto com estranhamento e suspeita uma transgressão a norma instituída. (ALTMANN; MONTEIRO, 2014)

Até o momento a equipe gestora contava com um diretor e vice-diretora, eu sentia falta de uma orientadora pedagógica para acompanhar nosso trabalho, nos orientar e indicar caminhos, mas nesse ano de 2009, após a inauguração unidade escolar, aproximadamente no segundo semestre do ano corrente, a equipe ganhou mais membro, com a chegada da Orientadora Pedagógica (OP) Dorine Albuquerque, pois até a inauguração do centro de educação infantil não se contava com um profissional para esta função, de modo que foi um ganho significativo e importante para o trabalho pedagógico da unidade, e que sempre demonstrou ser uma pessoa que passa segurança para mim e sempre me ajudou e orientou, em relação à prática pedagógica e sugeriu alguns encaminhamentos, e que para além do aspecto profissional é uma pessoa que me relaciono muito bem.

Ao final de 2009 houve a saída da vice-diretora, mas eu estava muito feliz, apesar das dificuldades que ocorreram por estar encerrando o ano com minha primeira turma, aqui já se percebe uma impermanência na equipe gestora, como aconteceu em outros momentos nesta e em outras unidades, por quais passei, e assim, percebe-se que isso afeta diretamente o trabalho pedagógico, pois a mudança constante dificulta na construção de uma identidade de escola e de afinidade como equipe de trabalho, o que interfere na caminhar dos projetos e propostas de trabalho da escola, de modo que a cada mudança na equipe se faz necessário uma reconstrução do projeto e empenhar esforços de um processo formativo e de construção de princípios e pressupostos com os novos membros da equipe.

Ao começo de 2010, estaria novamente com a turma de um agrupamento III- sendo que até hoje assumi turmas deste agrupamento, sendo que se trata da faixa etária que possui maior afinidade- e seria o primeiro ano letivo que começaria do início e estávamos caminhando na construção de uma proposta coletiva que valorizasse as interações, produções e protagonismo das crianças. E minha expectativa por trabalhar nessa unidade só se confirmava pelo ânimo que eu tinha a voltar das férias e o prazer em ir trabalhar.

Foi um ano que começamos a trabalhar mais efetivamente com cantinhos de atividades diversificadas e com os projetos coletivos de trabalho, com uma maior diretriz da orientadora pedagógica, até por conta do tempo e por estarmos iniciando, desde o primeiro dia do ano letivo o trabalho com as crianças. Nesse ano de 2010, agora com a equipe gestora completa, teríamos mais estabelecidas as funções de cada um, com suas diferenças, mas sempre agregando e somando experiências.

Como agora estava atuando com a Educação Infantil de fato e como houve algumas mudanças no curso que eu já tinha feito, resolvi refazer o curso PROEPRE: Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil, e era um curso mais focado para orientações práticas, e agora que estava na prática na Educação Infantil, houve mais reflexões e apontamentos e vi no curso estratégias para o trabalho com as crianças pequenas e com os cantinhos de atividades diversificadas que já estou colocando em prática, desde então. Era um curso de formação em diálogo com a teoria piagetiana, que foi importante para minha constituição humana e profissional, mas já estava uma transição teórica para os pressupostos freireitianos e histórico-culturais.

Oliveira (2005) traz como uma contribuição explicativa dos pressupostos histórico-culturais, no qual tem o Vygotsky como o principal teórico, na qual se apresenta uma perspectiva de que o homem, enquanto mente e corpo e ser biológico e social, sendo membro de uma espécie humana e participante de um processo histórico.

E tal teoria, traz os seguintes pilares: as funções biológicas têm suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral; o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e mundo exterior e a relação homem e mundo exterior é mediada por sistemas simbólicos. (OLIVEIRA, 2005)

Nesta abordagem, tudo que é humano distingue-se do homem de outras espécies, pela sua vida em sociedade e todo seu funcionamento psicológico se constitui e se dá pelas relações sociais; E o homem, pelo trabalho, transforma o meio e produz cultura. (FONTANA; CRUZ, 1997)

E Sampaio (2002) coloca que a Pedagogia Freinet traz uma ideia de educação que abrange os direitos de adultos e crianças e há uma tomada de consciência dos educadores, quanto à sua responsabilidade frente aos poderes políticos e problemas sociais. Em sua Pedagogia se vê presente técnicas, em seu projeto global de educação, como instrumentos de liberação e libertação do sujeito. A livre expressão, o cooperativismo em sala de aula, o jornal escolar e a correspondência intraescolar, além de favorecer a aprendizagem da língua, mostra-se como meios para a emancipação do indivíduo e popular e como uma comunicação intercultural de formação para a paz e a democracia.

A Pedagogia Freinet, baseada nos ensinamentos de sua principal referência- Celestin Freinet- deposita uma grande confiança na vida e traz seus instrumentos e técnicas não podem ser vistas só como aplicabilidade, há que ser necessário pensar, de forma integrada, com a filosofia que inspira todo trabalho pedagógico. E esta proposta vê a aula como um grande acontecimento e extrai deste acontecimento princípios e lições, que ao serem sistematizados, transformam-se em herança cultural. (GERALDI apud FERREIRA, 2003).

Ferreira (2003) reforça que a Pedagogia Freinet tem como ideais centrais a autonomia, a livre expressão, a cooperação e o trabalho, sendo eixos em que esta Pedagogia apoia a prática, sendo características que devem ser praticadas, para além do discurso, efetivando-se em ações no cotidiano.

E os princípios freinetianos trazem para os fins educativos a necessidade de cada criança, para motivar, organizar o trabalho e desenvolver sua personalidade na relação com o meio, sendo estas: exprimir sentimentos e ideias; comunicar-se com os outros; criar, agir e conhecer; organizar-se e avaliar-se, mas nada disso do que foi dito ocorrerá se não houver uma modificação da relação professor-aluno, pois a Pedagogia Freinet é baseada na confiança e acompanhada por uma real atitude das crianças se responsabilizarem pelo seu modo de vida e do trabalho (FERREIRA, 2003)

O ano de 2010 foi, também, um ano difícil, pois houve reclamações das famílias por ser um “professor homem”- desde então e que em menor grau esse estranhamento por parte de algumas famílias e profissionais.

Penso que esse estranhamento vem do mito do amor materno dialogado com a especificidade da função da educadora de creche, em que se trata de uma profissão ligada ao que convencionalmente que acostumou a associar de práticas domésticas femininas e que inclui as funções de maternagem. (CERISARA, 1999).

Cerisara (1999) traz a informação de estudos da época de 1990, dizendo que a maternagem é vista, como processos sociais de cuidado e educação de crianças pequenas,

independente do sexo biológico das pessoas que o desempenham, sendo este um aparato teórico para desconstrução do mito do amor materno, na relação com a docência da educação infantil.

Outra questão de gênero que aqui se traz como conflito do professor homem na relação com as famílias, seria por ser uma profissão que se constituiu no feminino e abarca as marcas de socialização, que em nossa sociedade machista e patriarcal é orientado por modelos e papéis sexuais dicotomizados e desiguais, nos quais fica a cargo da mulher o cuidado e a educação das crianças pequenas. (CERISARA, 1999)

Outro motivo desse estranhamento se traduz, pelo fato da educadora (es) de creche e pré-escola, por ser uma profissão marcada pela ambiguidade e que transita entre o domínio doméstico da educação (a familiar) e do domínio público da educação formal(a escolar), ficando claro que tais profissionais e indivíduos construíram-se em processos históricos e em emaranhados de relações de classe, gênero e raça, o que fica visível que tais interações de resistência da docência masculina na Educação Infantil não é algo dado e natural, podem ser construída, e ao mesmo tempo desconstruir a visão naturalizada e cristalizada de que ser professora de criança pequena é próprio para mulher. Pois, ambas as relações são categorias históricas e não biológicas. De modo que o ser homem e o ser mulher não é um aspecto resolvido no nascimento, mas estas são construídas na relação com o seu outro, em práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, de acordo com cada sociedade. (CERISARA, 1999)

Na relação com o trabalho docente desenvolvido por mulheres, há a predominância da socialização feminina (maternagem e trabalho doméstico), sendo o afeto parte central do discurso pedagógico e há uma ênfase da vocação da mulher professora, reforçando assim o senso comum e o mito do amor materno. (CERISARA, 2002)

E é por conta deste mito que a trabalhadora mulher e assalariada exerce uma função que é histórico e socialmente relacionada com a sua atividade doméstica, sendo que muitas auxiliares de classe e professoras veem seu trabalho, como o identifica de uma mãe, em uma contaminação de práticas e simultaneidade de papéis, assim digo que tais conflitos podem ocasionar uma falta de profissionalismo e de valorização profissional. Até para a valorização do profissional e do educador, seria necessária e importante a desconstrução desse amor materno e da visão de profissão feminina, como professor (a) de Educação Infantil. (CERISARA, 2002)

Mas que deixarmos claro que essa desconstrução e novas construções, bem como o entendimento que coexistem múltiplas masculinidades e feminilidades atuais, não irão ocorrer de forma calma e tranquila, pois a construção social da ideia de gênero não se dá por

imposição da sociedade, pois homens e mulheres são sujeitos ativos, recebendo e respondendo às contradições sociais, sendo que dentro do mesmo grupo social há proposições e demandas contraditórias e conflitantes. (CERISARA, 2002)

Mas, uma novidade positiva é que em 2010 comecei a participar do Conselho das Escolas Municipais, no qual fui integrante até o ano de 2013, no qual fizemos e ainda se faz discussões sobre as políticas e ações da Secretaria Municipal de Educação, avançando na minha participação em colegiados. Ainda pontuo que a participação só foi possível por sempre acreditar e participar do conselho de escola.

Por participar do Conselho das Escolas Municipais, pude representá-lo em outro colegiado, se considerarmos o âmbito municipal, como o Conselho Municipal de Educação, no qual foi mais um período de aprendizagem de políticas públicas em Educação, de modo que utilizei toda essa minha vivência e experiência em um artigo que escrevi sobre gestão democrática no diálogo do referido colegiado, como finalização de um MBA em Gestão Escolar, em 2018.

Abordando a questão dos colegiados e sua importância para com a gestão democrática, na qual abordarei no decorrer do trabalho, vejo como importante ressaltar o fato de eu ter participado da eleição do conselho consultivo pedagógico, para representar os professores PEB I, do NAED Noroeste, tanto acredito nos colegiados que fui conselheiro, do Conselho de Escola do CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, desde 2009 até 2015, quando permaneci na escola, e participei deste colegiado por todas escolas em que estive como professor.

No entanto, esta proposta de conselho consultivo: Pedagógico, Administrativo e de Supervisão, com a mudança da gestão da Secretaria Municipal de Educação, foi extinta em 2012, no mesmo ano que começou a contar com representantes dos vários segmentos da educação.

Tais conselhos consultivos foram criados pela resolução SME 04/2010, na qual já designava a sua função e explicitava a sua proposta. E teve uma alteração em 2011, que contemplava a participação dos professores da Educação Básica Municipal, no referido colegiado, via resolução SME 01/2011, conforme abaixo:

Dispõe sobre a criação de Conselhos Consultivos no âmbito da Secretaria Municipal de Educação.

O Secretário Municipal de Educação, no uso das atribuições de seu cargo, e considerando a importância de institucionalizar a participação coletiva dos gestores da Secretaria Municipal de Educação na elaboração, na implementação e na avaliação das políticas educacionais públicas,

Resolve:

Art. 1- Criar 03 (três) Conselhos Consultivos no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, SME.

Parágrafo único. Cada Conselho Consultivo constituir-se-á em uma instância de representação técnica e política dos gestores da Rede Municipal de Ensino de Campinas e terá a finalidade de formalizar a participação coletiva destes profissionais na elaboração, na implementação e na avaliação das políticas públicas da SME.

Art. 2º - Os Conselhos Consultivos desenvolverão, dentre outras, as seguintes atividades:

I - Debates a respeito de documentos que traduzem as políticas educacionais nos âmbitos municipal e federal;

II - Produção de documentos propositivos em consonância com o disposto na legislação educacional vigente.

Art. 3 - Os Conselhos Consultivos compreendem:

I- Conselho Consultivo de Administração;

II- Conselho Consultivo Pedagógico;

III- Conselho Consultivo de Supervisão Educacional.

(CAMPINAS, 2010)

O ano de 2011 começou com muito ânimo, o mesmo no qual tinha antes da inauguração da escola, o que demonstra que minhas expectativas e desejo por um trabalho coletivo e que valorize as produções das crianças, e veja a criança autora e produtora de conhecimento e que fosse um ambiente democrático estavam se confirmando.

Em 2011, atribuí, novamente, uma turma agrupamento III, acho importante dizer que estou com essa turma, desde 2009, acho que por afinidade e por gostar de trabalhar com esta faixa etária e por ter mais perfil com as crianças de 3 a 6 anos-, e assim, estou construindo uma prática no referido agrupamento.

Enfatizo que tenho mais interesse por este agrupamento de crianças “maiores” não com intuito de escolarizar, mas sim por uma afinidade das idades e para poder perceber mais, visualmente, as produções. Mas sempre pensando numa proposta que converse com o lúdico, o brincar, a autonomia, a cooperação e as interações.

No ano de 2011, comecei uma Pós-Graduação *lato-sensu* em Psicopedagogia Clínica e Instrucional- que acabei não concluindo, pois nesse momento estava em busca de outras formações e estudos.

Em 2010, participei do curso de Pedagogia das Infâncias, NAED Noroeste, com a Coordenadora Pedagógica Lígia Prando e o de Pedagogia Freinet, pelo CEFORTEPE, com a formadora Ruth Joffily-uma grande referência para mim, como atual formador- pois considerei importante realizar cursos que “conversem” mais com a proposta da SME de Campinas, e com tais formações, me apropriei mais dessa proposta mais interacionista da Prefeitura Municipal de Campinas.

Após ter participado do curso/ grupo de formação “Pedagogias das Infâncias”, fui convidado pelas Coordenadoras Pedagógicas (CP’s) Lisandra Minto e Lígia Prando a ser formador junto com elas. Sendo assim, em 2012, fui formador assistente/professor assessor, no curso “Pedagogias das Infâncias”, para a turma dos professores, às quartas-feiras, no período matutino, pelo meu NAED(Núcleo de ação educativa descentralizado da Secretaria Municipal de Educação de Campinas) de referência: o NAED Noroeste. Esse foi um movimento inicial de formador e em relação- movimento com a formação de professores, tanto que posteriormente assumi e coordenei diversos grupos de formação, sendo que foi algo que jamais planejei e sonhei para mim.

Foi um grande desafio para mim, pois nunca tinha atuado na docência com adultos e nem com formação de professores, no entanto foi uma nova empreitada e um instigante desafio a me aventurar, mesmo não tendo planejado essa nova atuação profissional, mas como tenho muito interesse pela área acadêmica e de pesquisa, foi uma potente experiência formativa e de aprendizagem para mim, que me impulsionou para enviar propostas formativas para a Secretaria Municipal de Educação em anos posteriores.

O conhecimento que a formação inicial e continuada para o se tornar professor vem sendo substituída, pela concepção de amplos processos formativos. O tornar-se professor entra em contato com o desconhecido e o de dentro e de fora de cada um, entendendo que múltiplas aprendizagens ocorrem nesse percurso. (OSTETTO, 2008)

Trago aqui uma concepção de formação para além do conhecimento técnico e teórico, penso uma integração e diálogo com a prática e o cotidiano escolar, tanto na formação inicial, como na continuada. Relacionando com os estágios curriculares, que a aprendizagem só irá ocorrer se as experiências vivenciadas nos estágios e atividades práticas se forem discutidas e teorizadas, em momentos propícios nos cursos de formação, ou seja, não é só prática e nem só teoria, mas sim uma relação dialógica entre ambas. (GIROTTTO, 2014)

Na formação do professor envolve muito mais do que uma competência e racionalidade teórico-técnica, além de seu compromisso político e social agregam-se diversos elementos, como história de vida, crenças, valores, singularidades, individualidades, afetividade e subjetividades dos sujeitos implicados, tanto no cotidiano docente, como no trajeto formativo. (OSTETTO, 2008)

Por isso, Girotto (2014) nos diz que não basta cumprir a carga horária dos estágios e fazer as atividades práticas solicitadas, sendo necessário de forma concomitante e *a posteriori* que as observações, participações e registros realizados pelas cursistas, sejam contemplados e

façam parte do currículo e das propostas formativas, com um espaço e tempo para a crítica dialógica, integrando os elementos da profissão e do cotidiano com os da ação formativa.

Falando da relevância da formação, fala-se de uma necessidade de articulação de teoria e prática, a fim de enriquecer a problemática do cotidiano escolar e para que o ensino de formação de professores não seja descontextualizado, e, também, que a prática das escolas de Educação Básica não seja só baseada no senso comum, produzido pela prática das rotinas e reprodução de ações já estabelecidas, mas que sejam propostas com reflexão crítica e baseadas em um aparato e profundidade teórica. (GIROTTTO, 2014)

Nas propostas de formação inicial e continuada, as aulas teóricas devem-se pautar, de forma a organizá-las de forma a garantir, também em sala, aquilo que almejamos para com as crianças, ou seja, estabelecer como objetivos para os pequenos, realizando primeiro para a e na própria formação dos educadores da infância. (GIROTTTO, 2014)

Giroto (2014) coloca que os momentos de trocas de experiências ocorridas nas formações, possibilita um momento de partilha entre os formadores e professores-cursistas ou estudantes, abre-se um espaço de conhecer outras realidades e contextos, no sentido como se perceberem como outro alguém comprometido com a educação de crianças. Sendo este, um grande momento nas ações formativas, pois consideram estudantes e cursistas como protagonistas dos encontros, exercício coletivo de construção, respeito à escuta do outro, crítica reflexiva e ética para com todos os professores envolvidos e entre futuros professores e docentes atuantes.

Olhando para a formação, vê-se a socialização e relatos de práticas e do cotidiano não é suficiente para a formação inicial e continuada do educador da infância, mas traz questões que podem ser discutidas e dialogadas, em uma articulação com a teoria, diversas disciplinas, a prática docente cotidiana e as pesquisas recentes, sendo uma proposta que ultrapasse a mera aplicação e reprodução. (GIROTTTO, 2014)

E o trabalho formativo que se inicie com as memórias de infância e de vida dos cursistas e professor trazem novas formas de ver e ouvir o mundo, diversos olhares, gestos, movimentos, sorrisos, choros, imagens e falas das crianças pequenininhas, pois isto se coloca como uma retomada da criança adormecida em nós, e se torna possível um mergulho na subjetividade e no mundo do outro, em um movimento de ir e vir na infância, em uma tentativa de compreendê-la, assim como tem ocorrido na escrita deste memorial- que é uma potente proposta formativa. (GIROTTTO, 2014). Como já diria Ostetto (2008) em sua formação há uma importância do professor encontrar com porções esquecidas do seu ser, de modo a reencontrar com sua criança interior.

E essa minha experiência, como formador assistente de um curso, também, refletiu na minha prática com as crianças, de modo que contribuiu numa mudança de olhar que rompa com a visão cartesiana e que respeite as potencialidades e produções das crianças e uma maior coerência com os pressupostos teóricos da minha unidade educacional.

Em 2012, realizei dois módulos de cursos de Pedagogia Freinet na Educação Infantil, pelo NAED Noroeste e um curso sobre Portfólio na Educação Infantil, pelo NAED Sul, de modo que esses dois cursos deram sugestões de outras formas de registros das produções das crianças e do trabalho da turma –como é o caso do Livro da Vida na Pedagogia Freinet- e várias sugestões de técnicas de artes e sugestões de cantinhos e projetos, e tais cursos se relacionaram com a proposta da minha unidade.

O curso de formação em Pedagogia Freinet ministrado por professoras da rede pública de ensino de Campinas, docentes da universidade, especialistas e profissionais que possuem grande conhecimento e prática com esta proposta, acabaram por produzir um grande afetamento na minha pessoa e produziu e construiu um corpo teórico em diálogo com a Pedagogia Freinet para meu eu profissional e fui desenvolvendo uma grande paixão por essa pedagogia e prática. Não posso deixar de dizer que o nome de Ruth Joffily que fiz alguns cursos, trocas de experiência e conversas de orientação, sendo para mim uma grande referência na Pedagogia Freinet e a pessoa que me fez acreditar e ser formador nesta filosofia educacional e forma de ver o mundo, sendo uma profissional além de comprometida na defesa desta proposta, que, inclusive, traduziu diversos artigos, livros e materiais sobre o movimento Freinet e a sua pedagogia.

No ano 2012, era para eu ter finalizado a pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, na Universidade São Francisco, mas devido minha atuação como formador do curso “Pedagogias das Infâncias” Cheguei a iniciar a produção do artigo de conclusão de curso e iniciei o estágio em Psicopedagogia Institucional na Escola Curumim, mas houve uma ruptura na referida formação, pois opto por concluí-la posteriormente, e afora sim estou finalizando esta especialização, na Universidade Paulista (UNIP) - instituição que possuo grande ligação afetiva por ter finalizado minha graduação neste local e que conheço parte dos professores do curso, bem como a coordenadora local.

Foi muito interessante realizar o estágio na Escola Curumim, pois como se trata de uma escola freinetiana, consegui relacionar com as discussões do curso de Pedagogia Freinet, que estava fazendo no NAED Noroeste, inclusive a formadora do curso era uma ex-professora da Escola Curumim. Com as discussões do curso e as produções que via na Escola Curumim me aventurei em fazer o livro da vida com minha turma, em 2012. Gostei muito do que foi

produzido em autoria com as crianças, tanto que realizo essa prática até hoje, na qual um dos instrumentos que não abro mão de fazer todo ano é o Livro da Vida.

Nos últimos anos tenho me apropriado e utilizado o Livro da Vida- um instrumento da Pedagogia Freinet- que tenho usado como um elemento de todo processo de avaliação do coletivo e do meu trabalho. O Livro da Vida, como registro coletivo, podemos retomar e reavivar a memória do grupo e contar a história da vida da turma, com os elementos mais significativos, sendo uma avaliação das crianças e do grupo e do trabalho pedagógico por mim realizado. Esses processos avaliativos e instrumentos de avaliação que tenho utilizado como docente da Educação Infantil vem numa relação de diálogo, percurso histórico, conexão com a vida e a cultura, como uma aprendizagem de construção coletiva e de avaliar no processo, para assim poder tomar decisões, replanejar e redimensionar a prática.

Os relatos nesses materiais coletivos servem para poderem ser retomados em outros momentos, relembrar o ocorrido e sugerir e desencadear outras atividades pelo que já fizeram e foi registrado. Pode se juntar nesse registro coletivo fotos, pinturas, desenhos, colagens e diversas falas e escritas, na composição do referido material. (MICARELLO, 2010)

No primeiro momento eu, como professor da turma, apresentei essa forma de registro das nossas produções e vivências, dizendo que seria o livro que conta a história de nossa turma, de modo que no começo poucas crianças se interessaram em participar deste momento, mas ao longo do ano várias crianças foram gostando e se interessando, pontuo que ainda estamos no início deste projeto e terá continuidade até o final do ano letivo, narrando, assim, as memórias e trajetórias da turma. A capa e os registros cotidianos do livro da vida contemplam e acolhem, e sempre irão contemplar a participação e produção das crianças.

Nessa materialidade há todo registro da vida da turma, sendo um livro/álbum coletivo do grupo e pensa-se em seguir desta forma até a sua finalização, mas tudo depende do interesse e do envolvimento das crianças para com o mesmo. E para ser um instrumento de avaliação este deve ser flexível e ir se alterando, de acordo com o caminhar do grupo e do tempo e ter um olhar avaliativo para o material, sempre replanejando e ressignificando as ações cotidianas, baseado na avaliação.

Pode ter presente, no livro da vida, registros tais como: escritas espontâneas e de modo não convencional, votações do nome da turma e de representantes da turma, combinados e regras do grupo, outras votações de projetos e experiências com a turma, novidades e histórias inventadas pelas crianças, sondagens para os projetos, reescritas de histórias e lendas, receitas realizadas com a turma, avaliação de eventos, festas e do projeto ateliê, sugestões de festas e ações da escola contribuindo para a reunião de representantes da turma, registros e ilustrações

de eventos, festas, projetos, ações da rotina e experiências ocorridas na escola, aprendizagens e relatos dos projetos e das experiências do grupo, ou seja, todo caminhar dos projetos e trajetória formativa e da aprendizagem e de conhecimentos da turma, sempre contando com a participação da turma e do professor, acolhendo suas escritas, desenhos, pinturas e ilustrações e as mais diversas linguagens e experiências.

Em 2013 tivemos uma grande perda com a saída do diretor da unidade educacional, pelo processo de remoção de livre escolha. Entre 2013 e 2015, professoras que havia iniciado na escola junto comigo, haviam se removido da escola, e assim, estava perdendo o sentimento de construção de projeto coletivo da escola e do período.

Com o advento da redemocratização do país e a promulgação da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) vêm à tona a possibilidade e exigência jurídica da gestão democrática e participativa do ensino público, na forma da lei.

E pensando em promover o processo de democratização das relações de poder na escola é necessário repensar e alterar a natureza das interações na instituição escolar, pois na escola se reflete a cultura da não participação da sociedade, resultante da imposição na vigência de regimes ditatoriais. (SOUZA, 2012)

A lei 9394/96 estabelece a organização do ensino público pelos princípios de gestão democrática, em seu artigo 14, conforme:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (BRASIL, 1996)

Lück (2012) traz a gestão democrática e participativa, como uma forma regulatória e significativa da participação dos funcionários de uma organização, nos processos decisórios das mesmas. Na escola, esse modelo de gerir, demanda maior envolvimento de todos, mobilizando-os na realização das múltiplas ações da administração escolar, enriquecendo-as e aprimorando-as.

Libâneo (2008) traduz que a gestão democrática implica não só a participação na gestão, mas sim a gestão da participação e não se pode ficar restrita ao discurso da participação e às formas externas, como eleições, assembléias e reuniões. Esse modelo de

gestão deve se efetivar numa prática cooperativa cotidiana ou que se empenhem esforços, para que se concretize na prática.

Não envolve, apenas, um querer da instituição e/ou da estância administrativa em ser democrática na gestão das escolas e dos sistemas de ensino, pois há legislação em nível federal, estadual e municipal que prevê a gestão democrática participativa no ensino público. Principalmente, no que tange às decisões coletivas e à administração dos recursos e verbas públicas, de modo que essa legislação existe há praticamente trinta anos.

Além das remoções houve mudanças de período, e em 2014 estava trabalhando, totalmente, com pessoas novas recém-concursadas, como professoras na Prefeitura de Campinas. Mesmo tendo construído relações positivas, não era a mesma coisa do que estar com o grupo que construiu junto os projetos e propostas da escola e com quem trabalhei em conjunto, por anos seguidos.

Além do fato citado acima, houve conflitos com famílias e funcionários e equipe escolar por falta de entendimento das concepções e princípios; mudanças constantes na equipe gestora, pois com a saída da antiga orientadora pedagógica e a licença saúde da vice-diretora, tivemos por alguns anos professores da escola e de outros Núcleos de Ação Educativa Descentralizada (NAED's) substituindo essas funções seja via portaria ou por Hora Projeto de apoio à gestão e percebia uma falta de apoio nas reclamações e estranhamentos das famílias no que tange às questões e relações de gênero do professor homem na Educação infantil, pois não queriam comprar briga, chegavam a mudar crianças de turma e evitar ter contato físico e de afeto muito próximo com as crianças - como beijo e pegar as crianças no colo (orientações que mesmo em outra escola escuto hoje em dia)- e com todas essas relações conflituosas, já vislumbrava uma possível remoção.

Como já dito, permaneci nessa escola até agosto de 2015, quando me ausentei para substituir vice-direção em uma escola de ensino fundamental. E em 2016 me removi para outro centro de educação infantil, como unidade sede de trabalho, o CEI Professora Hermínia Ricci, de forma que não me arrependo dessa minha escolha e agradeço muito por ter permanecido no CEI deputado Federal João Herrmann Neto com pessoas com quem possuo afinidade, interessadas e comprometidas, bem diferente de ambientes autoritários e repletos de conflitos, de algumas unidades que se tem notícia.

Pouco tenho para falar sobre uma passagem pelo CEI Professora Hermínia Ricci, pois lá só permaneci por um ano, achava que voltaria a substituir vice-direção na EMEF Dr. Edson Luís Chaves, mas acabei optando por estar mais perto de casa, e permaneci na unidade de educação infantil citada, no período de 2016. Era uma escola que já conhecia, pois já havia

substituído algumas professoras neste local, achei que seria mais fácil, mas tive certos conflitos com colegas professoras, equipe gestora e famílias.

E nesse período profissional estabeleci parceria com a maioria das famílias e com algumas professoras. Mas houve, também, muitos conflitos com famílias, profissionais e gestão, de forma que não tinha ocorrido em escolas anteriores e como não me identificada com o projeto pedagógico desta escola, opto por me inscrever, novamente, no processo de remoção dos profissionais do magistério.

E com grande alegria e entusiasmo, quando no resultado da remoção, quando vi que iria para o CEI Agostinho Páttaro, foi uma grande felicidade. Escola, onde estou atualmente e que penso em permanecer até aposentar e/ou mudar de cargo.

Removi-me para essa unidade educacional, devido ao projeto diferenciado, intitulado Projeto Ateliês, que a mesma possui, onde por alguns dias por semana- agora apenas um dia na semana- as crianças de todas as turmas escolhem uma sala ateliê e um professor (a) fica em cada um dos ateliês. Possuo grande afetamento por essa escola, com projetos potentes e diversificados, gestão e equipe comprometida, com grande espaço onde as crianças criam, recriam, experienciam e são felizes, ou seja, é uma grande vivência, experiência e percurso significativo e formativo estar nessa escola.

Relacionando com as experiências democráticas nas escolas e com as crianças, ou seja, na prática cotidiana educacional, há uma escola pública de educação infantil, do Sistema Municipal de Ensino de Campinas, na qual há um Conselho de Representantes das Crianças, no qual se elege dois representantes de cada turma, com uma votação que conte com a participação das crianças. Após uma assembleia na turma, se faz um registro coletivo das necessidades, demandas e sugestões para escola e há uma reunião dos representantes com a equipe gestora da escola (diretora e orientadora pedagógica) e se escuta as propostas e há um consenso do que poderá ser realizado, considerando que cada reunião possui um tema de discussão. Realiza-se a tabulação dessas sugestões pela gestão da escola e há uma assembleia de devolutiva com todas as turmas, sobre as propostas que serão realizadas. Sendo que esta proposta democrática de escuta das crianças não se trata de algo comum nas escolas municipais de educação infantil de Campinas, pois se trata de uma experiência específica do CEI Agostinho Páttaro, escola para onde me removi.

Do caminhar formador de professores.... E a Pedagogia Freinet neste processo

Dentre todo o caminhar docente vejo como formativo, e nesse meu percurso de ser professor já citado anteriormente, participei de diversos colegiados- como o Conselho das

Escolas Municipais e Conselho Municipal de Educação e ter passado pela gestão em um ano, durante esse momento profissional, foi em si momentos de experiências e aprendizagens.

Desde a graduação em Pedagogia fui me envolvendo em cursos extras de formação, logo após concluí-la continuei fazendo cursos de extensão na Faculdade de Educação da UNICAMP, via EXTECAMP (Escola de Extensão da UNICAMP).

Logo que entrei na Prefeitura Municipal de Campinas, já como docente, continuei nesse movimento formativo, junto com a atuação docente, com cursos voltados a proposta construtivista piagetiana e da Pedagogia Freinet, entre outros temas de relevância, geralmente realizados na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Aproximadamente, em 2011 e 2012, descobri e venho saber do CEFORTEPE (Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional “Professor Milton Almeida dos Santos”) - vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Campinas, e desde então, em quase todos semestres, realizo cursos, grupos de estudos e grupos de trabalho para este centro, que ocorrem no espaço próprio ou em escolas, NAED's, faculdades públicas e privadas, bem como outros espaços, mas sempre sob a responsabilidade desse órgão.

Geralmente as formações ocorrem com formadores internos (professores, Orientadores Pedagógicos e Coordenadores Pedagógicos da SME), mas também há formadores externos, em sua maioria professores da UNICAMP. Nesse percurso formativo via CEFORTEPE, em sua maioria realizei e participei de ações formativas, nas áreas: Pedagogia das Infâncias; Pedagogia Freinet - nesse momento já começava a me afetar -, sexualidade e gênero – por uma especificidade de minha atuação e constituição docente, letramento, planejamento e registro, espaços e tempos, a proposta em ateliês, ética e educação, cinema e educação, sobre os documentos curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Campinas, entre outras temáticas.

Falando dos dias e momentos atuais, desde o ano passado, participo do Grupo de Trabalho “Leitura e Escrita na Educação Pública Municipal: Movimento de Construção Coletiva”, na qual me afetou a participar por ser o letramento um tema muito caro para mim, desde a graduação, e como desencadeará a elaboração de um documento municipal sobre leitura e escrita, e vejo que toda rede e todos os segmentos de profissionais da educação municipal deveria participar.

Anos mais tarde, após ter substituído orientador pedagógico e vice-diretor, senti a necessidade e potência de complementar minha formação inicial, pois saí da graduação, apenas, com a licenciatura. Mas com a mudança da legislação e com essa minha nova

necessidade, eliminei as disciplinas já realizadas e cursei as referentes e que tinha relação com a gestão escolar, pela Universidade Paulista.

E, em 2017, concluo mais uma graduação em Pedagogia- pois foi expedido um novo diploma, pois agora não havia apostilamento e habilitações- com formação generalista e que contemplava e autorizava minha atuação nessa área de gestão, caso houvesse concurso público em Campinas, que pede como pré-requisito a formação ou habilitação na Pedagogia.

Como estava com essa vontade de um dia assumir efetivamente um cargo de gestor e me aprofundar nesses estudos, coincide que no mesmo que inicio minha complementação na Pedagogia, em 2016, fico sabendo de um MBA EM Gestão Escolar, pelo Instituto PECEGE, em parceria com a USP e ESALQ, e por tudo já dito, começo a participar do mesmo. Mesmo sendo em formato à distância tive ótimas aulas e pude me aprofundar nas temáticas de gestão democrática, colegiados, planejamento, políticas e legislação educacional, questões macro da educação, entre outras.

Nesse mesmo ano tomo a iniciativa ou loucura, imbuído do espírito de me aprofundar em outras temáticas educacionais, até pela recente atuação como gestor e formador, retorno ao curso de pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia, pela UNIP, agora apenas numa habilitação institucional. Sentia mais vínculo afetivo em retomar estes estudos nessa universidade, pois fiz a primeira graduação e a complementação em gestão escolar na mesma, e foi muito bom rever os professores nesses dois casos em que retomei minha formação.

Foi bem corrido, pois estava com três cursos ao mesmo tempo, por esse motivo para ter finalizado o referido curso em 2017, mas não consegui finalizar o artigo final e o relatório de estudo de caso a tempo, como já imaginava. Um ponto com potência foi ter realizado o estudo de caso- de psicopedagogia institucional- com uma criança da escola com certas especificidades e suspeita diagnóstica de Autismo, foi um rico estabelecimento de uma relação dialógica do estudo teórico com a prática cotidiana.

No ano seguinte, a coordenadora do curso consegue fazer uma reformulação do curso e amplia para habilitação clínica, também. Mesmo não havendo finalizado a parte Institucional do curso de Psicopedagogia, pois queria primeiro finalizar a primeira habilitação, para buscar concluir o aspecto clínico do curso, mas recebo a ligação da coordenadora do curso convidando para fazer o curso reformulado, até me motivando que seriam dois certificados.

Mesmo não tendo como foco profissional o atendimento clínico de crianças com dificuldades de aprendizagem e nem ter como vertente teórica a psicologia educacional, via a realização de mais este curso como ampliação de repertório e de do leque na visão sobre a

criança. Deste modo inicio o curso citado, tive a maioria das disciplinas da área institucional dispensadas, agora estou realizando mais as disciplinas que faltavam e novas no curso, e pretendo, até metade de 2020, finalizar o curso completo, com as duas habilitações.

Em 2018, considerando com os tropeços já citados acima, realizo a defesa- na própria ESALQ- do artigo: “A gestão democrática participativa na relação com o Conselho Municipal de Educação de Campinas”, como finalização do MBA de gestão escolar, após o adiamento de um semestre, finalizo minha primeira pós-graduação lato sensu, sendo um grande momento de afetamento para mim.

E foi com grande surpresa, após ter me inscrito na Plataforma Freire interessado em realizar alguma pós-graduação em Educação Infantil- não sei se teve alguma relação- e uma coordenadora da Coordenadoria Setorial de Formação, da Prefeitura de Campinas, ter perguntado se me interessaria em participar de algum curso de especialização em Educação Infantil que a Unicamp iria oferecer, para algumas redes públicas municipais, eu e outra professora, estávamos na lista de selecionados, pois atuávamos com as crianças e como formadores. Foi uma coincidência, pois estava no prédio para ministrar uma formação.

Topei o convite na hora, mas como isso tinha ocorrido lá para abril de 2018 e depois não teve mais nenhum retorno, achei que não tinha dado certo. Quando alguns dias antes da defesa do MBA em gestão escolar, eu recebo um áudio da minha diretora- Simone Pinto da Silva- que a professora Adriana Varani- coordenadora deste curso- estava tentando entrar em contato comigo, mas o e-mail voltava.

Ainda bem que minha diretora, por ser aluna do mestrado profissional da UNICAMP, a coordenadora do curso tinha o contato dela, e ficou sabendo o meu e-mail correto, e no fim tudo deu certo. Alguns dias antes da finalização do curso de gestão escolar, eu recebo um e-mail para procedimentos de inscrição nesta nova formação, bem como da confirmação de matrícula da mesma.

E no dia seguinte da defesa do curso anterior, no dia que chego de Piracicaba, inicio uma nova especialização, chamada “Educação de Crianças e Pedagogia das Infâncias”, na qual estou em fase de finalização, até o final de 2019.

E, novamente, no final de uma especialização, fico sabendo, por meio de um grupo de Whats App do GEPEC, de um curso de pós-graduação lato sensu de Educação Especial Inclusiva, na modalidade semipresencial, pela UNESP de Bauru.

Não nego que fiquei muito entusiasmado com um novo curso, ainda mais que o tema da Educação Especial Inclusiva iria dialogar com a Psicopedagogia Institucional e Clínica-

outro curso que já faço-, e como as formações são o que motivam, provavelmente irei acabar emendando um curso de especialização em outro.

Só vou aguardar para tomar essa decisão, pois estou com a intenção de enviar o projeto de pesquisa para o Mestrado Profissional e participar do processo seletivo, do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação, da UNICAMP. Dentro do que sair de resultado irei precisar fazer uma escolha. Penso em enviar como projeto do mestrado a mesma temática de que falo aqui, mas com maior complexidade, aprofundamento e discussão reflexiva.

Como devem ter percebido em todo meu relato o aspecto da formação é a algo que me afeta, move, me movimenta e motiva, em todo esse caminhar formativo citado, fui participando, além do que já foi falado, de diversos cursos de extensão e congressos da área da Educação e infância- não só da Pedagogia Freinet, mas buscando também esse foco.

Cheguei a refazer diversos cursos de Pedagogia Freinet, principalmente após me tornar formador nessa área, no qual irei relatar abaixo. E também sempre busquei participar de congressos e cursos organizados pela professora Roberta Rocha Borges- que já foi diretora da Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEDIC) e agora é membro do Núcleo de Políticas Públicas (NEPP), ambos órgãos da UNICAMP-, pois sempre tive uma afinidade pessoal, profissional e teórica com a mesma.

No atual momento, após terminar as aulas deste curso de especialização, mas já com intenção do mestrado estou como estudante especial, das disciplinas Oficina Pedagógica I e II e Construção do Projeto Educativo da Escola de Educação Infantil a Partir da Prática Democrática, pontuo que já possuía vínculo com as duas professoras das disciplinas, a da primeira é pesquisadora do GEPEC- grupo ao qual participo- e a docente da outra disciplina é a Roberta Borges, que já tive contato e experiência como aluno dela em curso de extensão e agora posso retomar essa relação. Apesar de ter arrumado mais um compromisso tem sido potente participar dessas disciplinas do mestrado, para ir tendo contato e construindo essa experiência das aulas da pós-graduação e ir pensando e aprimorando meu projeto de mestrado, para uma futura pesquisa.

No que tange as formações em Pedagogia Freinet realizei múltiplas e diversas com as professoras: Ruth Joffily; Liliam Ricarte; Lucianna Magri Munhoz, entre outras pelo CEFORTEPE e diversas formações e estágios na Escola Curumim, bem como outros cursos extras com a professora Lucianna Magri e Heloisa Proença (hoje grandes amigas de parceria com o GEPEC, mas que conheci primeiro em cursos de formação) foram ótimas contribuições

para meu encantamento, maravilhamento e afetamento com essa Pedagogia e prática freinetiana.

Anos depois já atuando mais com a prática Freinet e como formador realizei cursos pela Escola Thema que não foram específico de Pedagogia Freinet, foram mais da proposta italiana, mas que dialogava e foram de grandes contribuições para meu refinamento do olhar para o protagonismo, autoria e produção e conhecimento e culturas pelas crianças, da mesma forma que aconteceu com este curso.

De tanta importância que esses cursos foram no que tange a mudança da prática- ou melhor, de construção da minha prática singular, pois não tinha muita experiência profissional antes de ingressar na Prefeitura Municipal de Campinas-que após o primeiro curso de Pedagogia Freinet- acolhendo um pouco do que foi visto no PROEPRE e outras formações- inicio a prática de dinâmica de ateliês e da roda da conversa, trazendo não só a técnica, mas o princípio de uma criança capaz, autônoma e protagonista, juntamente com a postura de um professor pesquisador.

Continuando a formação da Pedagogia Freinet, inicio e me aventura na prática de um instrumento desta proposta, pelo qual sou apaixonado: o livro da vida. Inicio essa proposta em 2012, e até hoje realizo essa produção com as crianças.

Diante dessas formações, da minha mudança de olhar que era mais piagetiana e minha aproximação e encantamento com a Pedagogia Freinet, me acabei me identificando com alguns instrumentos dessa Pedagogia, no qual não abro mão de fazer com as crianças: o livro da vida, o trabalho por ateliês, os projetos da turma, a roda da conversa e a aula-passeio- tentando dialogar com um projeto da turma ou com um momento de descoberta e experiências com as crianças.

Desde o inicio até hoje, faço os tateamentos na Pedagogia Freinet, nas turmas de agrupamento III (de crianças de 3 a 6 anos), sendo que só fiquei alocado nessa turma, por ter uma maior identificação com essas idades. E pontuo que gosto e acredito nessa proposta do agrupamento multietário, por haver maior interação, troca e produção cultural entre/com as crianças.

Se fosse escolher um instrumento da Pedagogia Freinet preferido, seria o livro da vida, ainda mais no meu caso de ser professor da infância, pois nunca um livro será igual ao outro, e de uma turma para outra essa produção será diferente, tanto na sua construção processual, quanto no seu produto final.

E vejo, como um instrumento que relata toda vida da turma, acolhendo as singularidades, autoria, protagonismo, suas experiências de vida, diversas manifestações

expressivas e linguagens, ou seja, traz tudo de mais significativo e cultural da turma e das crianças, não se esquecendo da autoria e participação docente nesse processo, como um adulto e indivíduo mais experiente.

E sempre tenho em mente nesse processo de construção do livro da vida, além dos relatos, narrativas e impressões das crianças, ter o foco nas pesquisas, descobertas e de suas aprendizagens, numa relação contínua com o conhecimento humano. Com esse instrumento foi uma forma de despertar a leitura e escrita nas crianças que não fosse algo descontextualizado e sem sentido, mas com sentido real e social de comunicação e como uma prática cultural e não só escolar, sendo que a questão da cultura escrita sempre foi algo que me afetou, desde a graduação, tanto que fui formador, em um programa federal de formação sobre práticas de leitura e escrita (PNAIC/MEC).

Como já dito, nunca foi um foco profissional ser formador de professores, pois tinha uma timidez e vergonha de falar em público e para adultos- ainda tenho, mas agora faço com maior tranquilidade- e digo que foi por conta da paixão pela Pedagogia Freinet e ímpeto em divulgar essa proposta que acabei me tornando formador de educadores, de forma que atuo de forma concomitante com minha turma de agrupamento III, até hoje.

Em dado momento, quando a professora Lucianna Magri estava dando formação em Pedagogia Freinet- antes ainda de ingressar na SME- pelo CEFORTEPE, nessa época eu e outras professoras da escola estavam fazendo, estava no CEI Deputado Federal João Herrmann Neto. Para mim foi uma retomada, pois já havia feito alguns cursos iniciais e estava fazendo outro de troca de experiência com a Ruth Joffilly. Enfim minha escola teve a ideia de chamar a Lucianna Magri, para dar uma formação na escola no ano seguinte.

Mesmo estando refazendo os cursos agradeço muito ter feito, creio que em 2013, essas formações, pois no curso com a Lucianna visitamos a sala da professora Laís Rechinelli, que se tornou uma grande amiga e parceira de trabalho da Pedagogia Freinet, até chegamos a ser formadores do PNAIC juntos e que nos últimos anos tem atuado como implementadora dos documentos curriculares municipais da Educação Infantil, e que se aposenta no mês que vem.

Também visitamos o CEI Tancredo Neves – onde conheci a Professora Roseane Gomes e Patrícia Bondini e diretora Rúbia Cruz, foi maravilhoso ver um trabalho com mais estrutura com a Pedagogia Freinet em uma escola pública e que não está na região central da cidade. Começou ali uma grande parceria de trabalho e de militância com a Pedagogia Freinet, sendo que hoje somos parceiros no GEPEC e na organização do Seminário Fala Outra Escola.

E nesse ano no curso com a Ruth Joffily fiz o mesmo com as professoras Roseane e Patrícia- do CEI Tancredo Neves-, já faladas acima, e Ana Mucci, Ester Lemos, Marisa Gonçalves, entre outras professoras freinetianas, na qual estabelecemos parcerias de trabalho e formações com Freinet.

Nesse curso, a Ruth Joffily comunicou que não daria mais o curso inicial em Pedagogia Freinet, para a Rede Municipal de Ensino de Campinas, iria propor como um grupo de estudos e de troca de experiências ou assessoria, não queria mais convencer ninguém para esta Pedagogia, e sugeriu que poderíamos ministrar o curso inicial.

Para o ano de 2014, a professora Lucianna Magri iria ministrar o curso de Pedagogia Freinet na minha escola, como já dito, porém a referida docente estava grávida e se ausentaria antes do início do ano, e a orientadora pedagógica - na verdade uma professora da escola substituindo a função- pensou em meu nome para assessor a professora responsável pelo curso e eu assumiria a condução do mesmo, após a licença maternidade da mesma.

A orientadora pedagógica levou o caso para a coordenação pedagógica do NAED Noroeste- que na época ficava nos NAED's e não de forma centralizada como hoje ocorre- e uma das profissionais desse setor: a coordenadora pedagógica Lisandra Minto, falou para minha gestora que deveria ver se eu já não assumiria de vez, desde o início o Grupo de Estudos em Pedagogia Freinet.

Primeiro, minha orientadora pedagógica passou todo esse diálogo por e-mail, depois conversamos muito sobre, já era final de 2013, após muito pensar e pesar opto por aceitar esse novo desafio, até por insistência da Ruth Joffily que reforçou para os que já atuam com essa Pedagogia e já fizeram o curso inicial era mais do que natural ministrar a formação.

Nesse ponto digo que não busquei ser formador, digamos que fui laçado e escolhido, pelas três pessoas acima, principalmente pela coordenadora Lisandra que lançou a ideia de que assumi a formação de forma autônoma e integral. Após o aceite tivemos uma primeira reunião entre a equipe de Coordenadoras Pedagógicas, da Educação Infantil, do NAED já citado.

Vejo importante pontuar que essas duas coordenadoras pedagógicas, são duas profissionais que tenho muito respeito, carinho e confiança, estabelecemos uma amizade e parceria de trabalho, tanto que me inspirei nelas, para prestar um recente concurso público para este cargo. Sempre me fornecem dicas e sugestões para as formações quando envio as propostas e sempre procuro fazer a formações que elas ministram e coordenam, pois sei que estabelecem um diálogo com os princípios e concepções com os documentos curriculares municipais.

Depois dessa conversa inicial, pensar em uma proposta formativa inicial e em estratégias e de acertar alguns ponteiros, fico de elaborar a proposta e enviar por e-mail para a Coordenadoria Setorial de Formação. Demoro mais do que imaginava e acabo enviando a proposta, lá para o meio de janeiro de 2014, achava que não seria aceita pela demora e por minha insegurança inicial, achava que o texto e o que foi pensado não estavam bons. Era um medo inicial desse novo caminhar como formador.

Para minha surpresa, no final de fevereiro de 2014 é publicada a primeira lista de ações formativas da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, e o grupo de estudos que pensei e elaborei foi autorizado e iniciaria em março. Seria minha experiência com a formação continuada, e aqui digo que me tornei formador, por conta da Pedagogia Freinet, ou melhor, dizendo pela paixão e empatia que possuo por ela.

Nesse ano ministrei, digo coordenei dois módulos do grupo de estudos em Pedagogia Freinet na minha própria escola, já referenciada acima. E desde a primeira experiência com ações formativas, não parei mais, sou formador de educadores até hoje. Esse grupo de estudos contava com professores da escola e de unidades próximas, na qual discutimos ideias iniciais e relatos de experiências da Pedagogia Freinet, do próprio autor, como de pessoas que falam sobre ele, agreguei muitos recursos audiovisuais e imagéticos (documentários e fotos de visitas às outras escolas), caminhei também para discussões de outras teorias e propostas, não havendo um purismo Freinet.

No ano seguinte, em 2015, mesmo atuando com a Hora Projeto de Apoio Pedagógico à Gestão, enviei duas propostas formativas, uma para ocorrer na escola e uma no CEFORTEPE, porém apenas a formação que ocorreria no CEFORTEPE foi aceita. A coordenadoria optou por uma mais centralizada, para atingir mais pessoas.

E como esse ano já estava com a Hora Projeto de apoio pedagógico, ministrei a formação sem remuneração e apenas “ganhando” a certificação, por esse motivo e, pelo fato de no segundo semestre estar substituindo vice-direção, optei por não oferecer a formação no segundo semestre.

Nos anos seguintes, ano após ano, sempre propus a formação em Pedagogia Freinet, as vezes oferecendo cursos ou módulos por semestre, às vezes já propondo cursos com duração anual, agora sempre ocorrendo no CEFORTEPE, Apenas uma vez a mesma foi realizada no NAED Sul. Sempre foram formações procuradas, às vezes havia lista de espera, creio que pela temática mais inovadora- apesar de ser uma teoria não atual- e muito falada, creio que pela forma mais leve, tranquila e democrática movimentava que as pessoas quisessem

participar. Algumas pessoas fizeram mais de curso nessa temática, duas cursistas fizeram até três cursos. Estava nesse processo até final de 2017.

Foi bem nesse caminho de formador, quando em 2017, chega a Campinas a proposta da formação do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na Educação Infantil, devido a uma portaria ministerial e federal, via Ministério da Educação (MEC). Após minha orientadora pedagógica divulgar que qualquer professor poderia atuar como formador local. Após muito pesar acabo me inscrevendo para esse processo seletivo de formador local do Pnaic em Campinas, na Educação Infantil.

Após uma primeira conversa, com a coordenadora local do PNAIC houve uma garantia de respeito à infância, aos direitos das crianças e ao seu protagonismo e autoria e que a base da construção dessa formação seria um diálogo entre o material federal do PNAIC- produzido pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)- e os documentos curriculares municipais.

Caminhei nesse processo formativo de formador- fui aprendendo muito sobre a leitura e escrita como prática cultural-, como tínhamos reuniões semanais de planejamento entre a coordenação e formadores locais e algumas formações regionais com os formadores da região metropolitana de Campinas, foi uma grande experiência de construção e coletivo. Mas pontuo que a formação, em nível regional, oferecida pelo comitê gestor do programa, pelo Estado ia à contramão das propostas curriculares de Campinas.

Mas foi um processo significativo, até por ser a primeira formação que participo com uma coordenação e com momentos de construção coletiva. Pontuo que em 2017, o “curso” foi apenas uma sondagem para a SME na temática de letramento que serviu de base para a construção do curso em 2018.

Em 2018 o curso ocorreu até agosto/setembro, diferente do que ocorreu em outros municípios, que seguiu o programa federal que devia finalizar o mesmo em maio. Foi uma primeira vez que prestava conta da frequência e avaliação das cursistas ao MEC- via ao sistema integrado de monitoramento, execução e controle (SIMEC), bem como da nossa aprendizagem e registros da nossa formação regional como formador e do portfólio descritivo e do percurso do nosso curso do PNAIC.

Foi um grande momento de formação que a rede parou para discutir o letramento, finalizamos em um seminário, em outubro, na qual socializamos de como foi o caminhar dos cursos e relatos de práticas de cursistas e formadores. Até, por conta dessas discussões, viu-se a importância da escrita de um documento curricular de leitura e escrita, para termos um documento nosso e não ficar somente atrelado às orientações e normativas estaduais e

federais, e assim pensou-se e foi publicado um grupo de trabalho de leitura e escrita com esse foco, no qual começo a participar, nesse momento de 2018.

Com mudança de governo federal que desvaloriza formação, o conhecimento e o professor, não houve manifestação sobre o programa de orientações formação do PNAIC, até criou outro programa, a Política Nacional de Alfabetização, bem diferente do que o PNAIC defende.

Diante desse impasse, como minha escola já possuía um grupo de estudos para organização e formação para o Projeto Ateliês do CEI Agostinho Páttaro, e minha OP disse que estava com muita demanda e que outro profissional da equipe deveria e poderia coordenar. Aceito o desafio, elaborei uma proposta formativa que dialogasse com a Pedagogia Freinet, voltando a coordenar formações nessa temática.

Em 2019, estou com essa formação na escola, da mesma forma quando iniciei como formador que a formação ocorria na escola, a mesma começou bem interessante, com a maioria da equipe e uma professora de outra escola, mas pelo horário que é das 11h25 às 13h05 e por haver poucas profissionais de outra unidade, acaba ficando apenas profissionais deste CEI.

O que tem me desmotivado bastante acaba virando outro TDC e vejo que as cursistas-colegas de trabalho não querem muito fazer o proposto, algumas cursistas acabam comparecendo apenas quando há vontade. E por haver de cursista: Orientadora Pedagógica, diretora, uma professora da manhã e duas professoras da tarde, de modo que vejo uma falta de compromisso político com o projeto da unidade dos demais professores da escola.

Diante desse contexto, não irei ministrar e coordenar essa formação na minha escola em 2019, devido à falta de interesse da equipe. Assim, pontuo que para minha atuação de formador, irei contribuir na coordenação do GT de Leitura e Escrita na Educação Pública Municipal, com as horas projetos de formador que sempre tenho e opto. Fiz essa opção, pois se trata de um grupo de trabalho para a elaboração e implementação de um caderno curricular temático de leitura e escrita, e creio que seria importante participar desse movimento de construção curricular coletiva, ainda mais neste momento político atual.

E nesse final do mês de novembro de 2019, recebo um convite de uma orientadora pedagógica de uma escola integral de educação de jovens e adultos para um coordenar um grupo de estudos em Pedagogia Freinet, meu nome foi indicado por uma coordenadora pedagógica da SM, fiquei muito feliz, porém agora estamos pensando e delimitando a proposta, e assim seguimos os novos desafios e caminhar como formador, também.

As relações de gênero na singularidade do professor homem na educação infantil

Chego a um ponto, neste memorial, em que não poderia deixar de dizer e abordar, sendo uma questão constitutiva do meu ser e da minha singularidade, sendo como algo que me afeta e que me atravessa, como diria Larrosa (2002), uma experiência, só não sei se boa ou má, mas potente e significativa e encarnada no corpo: que são as questões e relações de um professor homem na Educação Infantil.

Primeiramente trago abaixo alguns trechos e excertos de cenas e fragmentos, de cenas da minha vida profissional, como docente homem na educação de crianças, em uma ótica sobre as relações e problemática de gênero.

Desde o início da minha docência com as crianças vêm as falas: mas pode professor homem na Educação Infantil; homem não nasceu para isso, minha filha não quer que homem troque e vem os questionamentos de que a criança não tem relação afetiva com o professor, por ser do gênero masculino e/ou acha o professor bravo e que a mulher é mais sensível e delicada com a criança- o que é um estereotipo-, e junto se percebe suspeitas de ser agressivo na relação com as crianças e dúvidas sobre a sexualidade do profissional, como se fosse algo inerente ao trabalho e não de foro íntimo.

Início dizendo que tal problemática com a questão de gênero não é algo que me faria desistir da minha carreira e profissão. Mas, após todo meu percurso docente e profissional, constato e avalio que o docente homem fica sempre: na desconfiança de cometer o crime de pedofilia; ser agressivo com as crianças- no estereotipo do homem ser violento-; ser homossexual e causar conflitos na relação com a família; de não ser capaz na questão da saúde, higiene, cuidado e afeto com as crianças e até de não "dar conta" da turma, entrando a visão distorcida que a mulher sim é boa profissional com as crianças, entre outras questões.

Como muitas vezes há um ruído e conflitos nessa relação com a família, devido uma visão preconceituosa e estereotipada, muitas diretoras fazem pressão para que o profissional se remova de unidade, seja transferido compulsoriamente, seja indicado para outra função e local e assuma cargos hierárquicos e administrativos superiores.

Já como professor de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Campinas, lotado no CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, após alguns anos de trabalho e estranhamentos por parte das famílias por haver um professor homem na unidade, vejo que há que se falar que em 2012 e 2013, não houve reclamações das famílias por um homem ser o professor dos filhos de algumas destas famílias e de se ter um profissional gênero masculino na Educação Infantil, pois como fui construindo minha história neste CEI as famílias foram se acostumando com a minha presença e do gênero masculino na unidade, pois desde 2011 havia

mais monitores homens no CEI e pode estar havendo uma desconstrução do mito do amor materno e de que a Educação Infantil é um espaço feminino.

Mas como tudo que é construído social e culturalmente nada está dado, pronto e acabado, como a relação de gênero é constituída com o outro, o fato de algumas pessoas terem se aproximado de tais questões e acreditarem no trabalho de um professor homem não quer dizer que não haverá mais conflito.

Muito pelo contrário essa relação com o gênero na Educação Infantil é construída cotidianamente e sempre deve ser retomado com as famílias e profissionais novas que chegam, tal aspecto deve fazer parte do projeto pedagógico e plano formativo da unidade educacional. Há um ir e vir... avanços e retrocessos dessas questões do docente homem e a relação de gênero na educação da infância.

Nunca havia tido conflitos com as educadoras e funcionárias da equipe escolar- até então os estranhamentos se davam com as famílias. Quando, para minha surpresa, em 2015, houve um grande conflito com uma funcionária da escola, que por minha defesa às questões de gênero e meu posicionamento que não se tratava de ideologia de gênero- em reuniões e em redes sociais- geraram desconfianças até então veladas, sobre minha orientação sexual, na minha conduta e relação afetiva com as crianças e no meu âmbito docente-profissional, algo que me indignou muito.

Iniciou com boatos e conversas de corredor de que colocava crianças no colo e gerando desconfianças maldosas que na leitura dessas pessoas era muito estranho um professor homem fazer, enquanto uma mulher tudo bem.

Quando, então, houve reclamações e denúncias caluniosas, via 156 e disque 100(disque direitos humanos), sobre minha conduta pessoal e profissional, colocando no relato que colocava crianças no colo e outras insinuações e acusações maldosas. E por esse terrível fato – que me abalou profundamente no apego que tinha pela escola- tomei uma triste decisão. E resolvo, definitivamente, me remover da escola, em 2016.

Quando vou para o CEI Professora Hermínia Ricci não houve nada específico do estranhamento da relação com a família, no que tange às questões de gênero, digo nada de forma clara, direta e explícita.

Porém ocorreram ruídos e fraturas na relação com uma mãe – que também era professora da rede estadual de Ensino Fundamental- que não aceitava minha proposta de trabalho com o diálogo com a ludicidade e criação das crianças, mesmo quando mostrava e apresentava as diretrizes curriculares municipais. Questionava meu planejamento e se

exaltava, quando a criança se machucava- mesmo quando se tratava de algo normal que acontece com as crianças ao brincar.

Essa família não dizia diretamente não confiar por ser um professor homem, mas eu, algumas professoras e a vice-diretora da unidade percebíamos que havia uma desconfiança e preconceito por ser um professor do gênero masculino. Mesmo, quando, algum membro da equipe gestora fazendo elogios e defesas da minha atuação profissional e docente, essa mãe não aceitava e não houve o estabelecimento de uma relação de confiança, e a criança acabou sendo transferida de turma. Mas digo que foi o único caso dessa questão de gênero, muito, talvez, por ter ficado somente um ano nessa unidade.

Já, quando me removi para o CEI Agostinho Páttaro, praticamente, não houve casos dessa questão, muito, por canto da comunidade da escola, como esta é localizada em Barão Geraldo, pela proximidade com a UNICAMP e pela constituição singular dessa comunidade local, vejo esta como mais esclarecida, com posicionamentos mais progressistas, menos preconceituosas e que aceitava mais inovações em vários âmbitos.

E defesa da equipe gestora nesse âmbito, tanto do gênero e do trabalho pedagógico em si, faz muita diferença, para a construção de relação de confiança com família, pois as mesmas veem que não diferença na confiança do trabalho entre professores homens e mulheres.

Houve casos pontuais nessa escola, uma mãe de outra turma trouxe questionamentos para Orientadora Pedagógica, por ter passado em frente à minha sala e mais de uma vez havia crianças no colo e deixou claro que não falou antes não falou nada, pois não era seu filho, porque se fosse tomaria outras providências, ficando claro e reforçado o mito de que a mulher é boa para se trabalhar com as crianças, pairando no ar as suspeitas de que o homem não é afetuoso com as crianças e pode ser agressivo e cometer abusos.

Palmen (2014) nos traz que a demanda por creche, em perspectiva mundial, surge devido ao trabalho extrafamiliar da mulher, e desde a origem está ligado ao trinômio mulher-trabalho-criança, estando tais elementos intrínsecos à estrutura administrativa dos serviços de creche, sendo vista a educadora de creche e pré-escola como uma profissão feminina até os dias de hoje, em pleno ano de 2019.

Quando se vê presente no quadro funcional das escolas de Educação Infantil um profissional homem, este é visto com resistência pelas famílias, quando este é professor de crianças pequenas, considerando que o quadro de profissionais desta instituição é praticamente todo do gênero feminino. Sendo esta questão uma especificidade do gestor da Educação Infantil. (PALMEN, 2014)

Outro ponto que ao olhar podemos considerar que a professora de Educação Infantil é vista como uma profissão feminina se dá pelo fato de que homens atuando na docência de turmas de crianças pequenas são insignificantes, e assim revela-se uma concepção conservadora e tradicional na forma de cuidar educar os pequeninos, delegando essa função à mulher, como se essa função se justificasse como e na condição feminina. (SAPAROLLI, 1997 apud PALMEN, 2014).

E perguntas como “Mas pode professor homem na Educação Infantil” – na qual já cheguei ouvir certas vezes- traz uma concepção de que supostamente um homem não deveria ocupar esta função, sendo uma transgressão à normativa social visto que há determinados lugares em que homens são aceitos no interior da creche: pai, monitor, diretor, vigilante, zelador, mas quase nunca como professor. Outra fala que já ouvi no início da carreira “Homem não foi feito para isso” nos indicam uma concepção de masculinidade padronizada e fixa e que dialoga com o pensamento que o homem não pode se relacionar com o cuidar de uma criança, pois tal ação é associada à esfera da feminilidade. (ALTMANN; MONTEIRO, 2014).

A escolha profissional deste homem é vista como uma transgressão à normal instituída e a presença de homens na Educação Infantil quase sempre é questionada, e demonstra uma ruptura, ainda que restrita, com as noções de masculinidade vistas na sociedade e com a expectativa do perfil do docente que optou por atuar neste segmento de ensino. Tais falas ditas acima mostram uma concepção de masculinidade hegemônica em que se diferencia de acordo com o local e época, não é fixa em todos os lugares, mas se trata de um modelo dado de relações de gênero, sempre uma posição em disputa. Os questionamentos do professor homem com os pequeninos assemelham da masculinidade hegemônica de países ocidentais, estando ligada a virilidade e se opõe ao feminino e sendo uma construção social e relacional. (ALTMANN; MONTEIRO, 2014)

Dialogando com o estranhamento do fato de uma mãe ter visto uma criança em afeto comigo, Altmann e Monteiro (2014) traduzem que a relação corporal e de contato mulher-criança é muito mais aceita da que homem-criança, pois exige do professor homem, no que tange à possibilidade de contato entre os corpos homem-criança, uma intensa justificativa de suas ações, pois qualquer atitude corriqueira se praticada por uma mulher, pode ser interpretada como abuso, no caso de um professor do gênero masculino, causando uma atenção e preocupação neste profissional.

Em muitos momentos fui acusado, de forma infundada e inverossímil, ter sido agressivo para com as crianças, pois nessa concepção de masculinidade hegemônica de países

ocidentais, esta está ligada à violência e autoritarismo, em todas às vezes tal denúncia foi dissipada. Sempre recai sobre o professor as suspeitas e acusações de agressão ou o fato de ser culpado pelos machucados das crianças, mesmo isto sendo algo corriqueiro na escola, numa alusão à masculinidade violenta e autoritária. (ALTMANN; MONTEIRO. 2014)

Mesmo por anos na mesma instituição, sempre percebi olhares e condutas de suspeita, pois sempre vai haver um que não vai gostar por ser homem, mas o fato da comunidade já conhecer o trabalho e o eu profissional facilita muito e vai amenizando o estranhamento, porém ao mudar de escola tudo se inicia novamente, está no imaginário da sociedade o “Mito Viril”- que se opõe ao Mito do Amor Materno, mas que também causa prejuízos-, pois é vista como a verdadeira masculinidade e os homens são cobrados a se aproximar e se afastar dessa concepção. (ALTMANN; MONTEIRO, 2014)

Nessa conversa com a orientadora pedagógica, essa mãe confirmou o fato de trazer essa questão por se tratar de um professor homem, e ao mesmo tempo, verbalizou constrangimento em querer saber como a gestão levaria o assunto para mim; A gestão trouxe de forma para contar o fato, como ciência do que se chegou, e que não poderíamos cair na ação de não acolher a criança, mas de forma que não trouxesse interpretações dúbias, infelizmente, é um fato delicado, que até para me preservar, essa relação de afeto com as crianças, não traga estranhamentos e problemas de outra ordem.

Mesmo em uma comunidade e escola com visão mais progressista há esse estranhamento da relação do gênero masculino- do profissional- na educação infantil, se vê olhares de desaprovação, quando o zelador, um professor homem ou vice-diretor abraça ou pega uma criança no colo.

Um último fato que trago nessa questão, que até me surpreendeu, por se tratar de uma grande parceira de trabalho e ser bem progressista em suas concepções, que de forma bem taxativa trouxe um alerta de não pegar nenhum tipo de criança no colo e com afetos de nenhum tipo, pois isso uma hora ou outra trará problemas judiciais e de processos administrativos, pois certamente as pessoas irão confirmar a denúncia, como se isso já fosse algo certo e dado que irá acontecer.

E veio um questionamento que percebe olhares sarcásticos, quando em reuniões e formações na escola, apresento fotos e vídeos que determinada criança aparece muitas vezes, segundo essa professora, e que ano passado houve comentários de que tirava muitas fotos de certa criança, eu realmente, nunca tinha parado para olhar essa questão, vejo como natural as crianças serem mais ativas, protagonistas e autoras se destacarem mais em certas imagens e

produções audiovisuais, pois utilizo as mesmas como registro do cotidiano e do trabalho e uma autoria docente e infantil.

Ficam aqui minhas reflexões e narrativas da questão e relação com o gênero na Pedagogia e educação com a infância.

A especificidade da gestão na educação infantil e a experiência como gestor – o diálogo com a Pedagogia Freinet

Devem se perguntar o que e qual relação da gestão nesse processo da docência e no diálogo com a Pedagogia Freinet, bom então vamos lá!

Para início de conversa não uma segregação entre docência e gestão, há um emaranhado de aspectos políticos, sociais e culturais multifacetados, assim como o cuidar e o educar, a docência e a gestão são indissociáveis.

Aqui já trago uma ótima relação que tive com quase todas as equipes gestoras, muito poucos conflitos tive com tais profissionais, e em conversa com colegas da mesma rede de ensino, constatei que tive sorte nesse prisma, pois mantenho muito boa relação com os especialistas, principalmente, os Orientadores Pedagógicos, Coordenadores Pedagógicos e Supervisores, devido minha atuação como formador, por ocupar muito o CEFORTEPE participando de formações e pela minha circulação nos Conselhos das Escolas Municipais e Conselho Municipal de Educação (entre 2010 a 2016) e pela Rede Municipal, em si.

Cheguei a ter conflito apenas com uma vice-diretora no CEI Deputado Federal João Herrmann- que era uma professora de outro NAED, substituindo especialista-, pois possuía certezas e visões cristalizadas na gestão da escola, segregava setores da unidade e conduzia de forma autoritária sua função, mas a fazia com comprometimento.

E em outra unidade, no CEI Professora Hermínia Ricci, eu estabeleci muito conflitos com a diretora que possuía um discurso de gestão democrática, conforme previa as legislações segundo ela, mas igualmente a outra gestora que tive conflitos, sempre prevaleceu a sua decisão e seu olhar, com pouca abertura de diálogo, em conflitos das professoras com as famílias esta orientava as mesmas buscarem seus direitos no NAED e via ouvidoria, não defendia a equipe em conflitos graves, pois dizia não achar certo corporativismo e em certa situação essa diretora alegou não poder defender, pois não estava comigo na sala e não conhecia meu trabalho, fato que me indigna, pois como uma gestora e responsável pela escola não conhecer o trabalho de seus professores.

Aqui irei-me focar mais na especificidade da gestão da educação infantil e na relevância de quando a gestão acredita no trabalho pedagógico potente, significativo, transformador e transgressor da escola, bem como relatar meu percurso profissional da minha atuação na gestão e minha relação com os gestores educacionais.

As instituições de Educação Infantil, se pensadas por uma lente participativa e democrática, focalizam a participação de todos os autores e atores no interior da escola, buscando um fortalecimento da relação das famílias com a gestão, com o projeto político pedagógico e com a escola em si, valorizando as relações culturais, sociais e familiares em equilíbrio com o ato pedagógico, em uma relação dialógica entre família-escola. (PALMEN, 2014)

A gestão da Educação Infantil traz especificidades próprias como temáticas do brincar, espaço e tempo, espaço físico, os materiais, os mobiliários, a rotina, a relação com as famílias, a alimentação com cardápios variados e divididos por faixas etárias, a presença de diferentes profissionais, a formação em serviço, entre outros elementos carregados de singularidades que fazem parte desta etapa educacional e que compõe o cenário de trabalho do gestar na Educação Infantil. Mas muitas vezes, a lógica de gestão destas instituições tem sido a mesma do Ensino Fundamental, trazendo até as práticas precoces de escolarização e alfabetização. (PALMEN, 2014,)

Iniciei meu percurso, como gestor, em 2015, pois lá na minha primeira escola, localizada no distante bairro do Itajaí IV, no CEI Deputado Federal João Herrmann Neto, em um período de conflitos na escola e já ideias de mudar de ares, mas aceitei o desafio de atuar como apoio pedagógico, com o pagamento de 09 horas semanais de Hora Projeto³.

Era um ano bem peculiar na escola, após alguns anos afastada por motivo de licença saúde e ter tido uma vice-diretora (por processo seletivo de substituição) bem complicado com vários problemas de relacionamento e que fazia tudo diferente do que havia sido combinado com a diretora da escola, a vice-diretora efetiva da unidade retorna às suas funções, para imensa alegria da equipe, pois após o tratamento de câncer, sua saúde estava reestabelecida.

Porém havia uma falta da equipe gestora, estávamos sem o cargo de orientadora pedagógica, havia se removido de unidade e estava prestes a ser convocada para assumir como supervisora educacional, via concurso público. Por essa situação singular, a professora Vanessa Lima da Silva e eu somos convidados, para atuar como apoio pedagógico à gestão, já que a unidade estava sem orientador pedagógico, como já dito acima.

O CEI Deputado João Herrmann vinha passando por diversas ausências e substituições na equipe gestora, principalmente no que se refere ao cargo de orientador pedagógico, pois a profissional que exercia esta função tinha assumido a direção de outra escola e havia se removido de unidade, posteriormente, e após termos ficado um tempo com este cargo vago, a professora, Eliane Hedlund Carlos de Freitas – uma grande amiga até hoje-, tinha assumido esta função de julho de 2013 a setembro de 2014, quando entrou em licença gestante. E como só retornou em abril de 2015 e por estar com bebê pequeno, no momento, não possuía interesse em assumir esta função, devido ao seu momento particular, assim o centro de educação infantil encontra-se novamente sem orientador pedagógico.

Como foi realizado um concurso público de orientador pedagógico em dezembro de 2014, havia uma previsão que uma nova(o) orientadora(or) pedagógica(o) chegasse no mês de Maio, até este momento a diretora ofereceu aos professores da unidade escolar que realizassem Hora Projeto (HP) na substituição de orientador pedagógico e como Apoio Pedagógico, sendo que eu, Adriano Longhi Coutinho, e a professora Vanessa Lima da Silva nos interessamos pela referida HP, de modo que a professora Vanessa ficará responsável pelo Grupo de Estudos de Monitores (GEM) e pelo período da tarde e eu ficarei responsável pelo GEM e pelo período da manhã e atuaremos coletivamente na organização e coordenação dos Trabalho Docente Coletivo(TDC's), Reunião Pedagógica de Avaliação Institucional (RPAI) e Formação Continuada (FC's)

Foi bem no ano de implementação da plataforma do Projeto Pedagógico On Line, e fazia algumas das funções da orientação pedagógica, no contra turno, das nossas atribuições docentes com nossa turma. A professora Vanessa ficou apenas alguns meses com esse projeto, por ter sido autora do *“Caderno Curricular Temático. Educação Básica: Ações Educacionais em Movimento. Vol. 1 - Espaços e Tempos na Educação das Crianças”*, pois foi convidada a participar de um grupo de trabalho, para elaboração de um documento curricular de Arte e Música, porém ficou auxiliando com horas e informalmente na elaboração do projeto pedagógico. Formamos uma boa equipe entre nós dois, a vice-diretora e a diretora educacional, sendo pessoas com quem possuo grande estima e estabeleci parceria enquanto estive nessa função.

Mesmo não sendo uma substituição de orientador pedagógico oficial, com portaria de nomeação e afastamento da função docente, sendo um apoio, mas como a unidade estava sem essa função, na prática tinha as mesmas atribuições do referido profissional, conforme abaixo:

Art. 44. São atribuições do orientador pedagógico, além das previstas na legislação vigente: *(Conforme Regimento Escolar Comum das Unidades de Ensino da Rede Municipal de Ensino de Campinas)*

I - coordenar a elaboração, a sistematização, a implementação e a avaliação do Projeto Pedagógico da unidade educacional;

II - coordenar a construção e subsidiar a implementação da proposta curricular da unidade educacional, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais e as políticas educacionais da SME;

III - orientar e acompanhar o planejamento e a execução do trabalho educativo das equipes docente e de monitores infanto-juvenis e/ou agentes de Educação Infantil;

IV - participar efetivamente das reuniões de trabalho juntamente com os coordenadores pedagógicos;

V - orientar e acompanhar o processo ensino aprendizagem;

VI - coordenar ações para a aquisição de materiais pedagógicos;

VII - promover ações e projetos de incentivo à leitura;

VIII - incentivar e planejar, com os demais integrantes da equipe educacional, o desenvolvimento de atividades nos laboratórios e o uso de tecnologias no processo ensino aprendizagem;

IX - coordenar os processos de representação docente e discente para cada turma;

X - construir, com os integrantes da equipe educacional, estratégias pedagógicas de superação de todas as formas de discriminação, preconceito e exclusão social;

XI - orientar, coordenar e acompanhar a avaliação processual dos alunos;

XII - orientar, coordenar e acompanhar os processos de classificação e de reclassificação, de adaptação de estudos, de recuperação de estudos, de revisão dos resultados finais de avaliação e de terminalidade específica na Educação Especial;

XIII - orientar e acompanhar os registros e a prática pedagógica dos profissionais da unidade educacional;

XIV - orientar e acompanhar o professor de Educação Especial nas atividades desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado, AEE.

(CAMPINAS, 2010)

Mas além do projeto pedagógico, juntamente com os problemas de operacionalização e funcionamento da plataforma on line, várias questões a ser resolvidas e solucionadas na escola e as múltiplas demandas da função de gestão estava ficando muito pouco na minha sala, deixando planejamento com a turma a desejar e não dava conta de tudo que a gestão exigia , o que foi uma surpresa pois acreditava que a gestão de uma unidade de Educação Infantil seria mais tranquila, tudo isso estava me deixando angustiado.

Nessa atuação de apoio pedagógico pude realizar, conforme a minha proposta para tal função em dado momento da minha vida profissional:

- *Substituir o Orientador Pedagógico até a chegada do concursado efetivo*
- *Organizar e coordenar o Grupo de Estudos de Monitores (GEM) e o Trabalho Docente Coletivo (TDC), em parceria com a Professora Vanessa.*
- *Discutir periodicamente o plano de trabalho do TDC e GEM com a Professora*

Vanessa

- *Participar da organização de RPAI's e FC's, em conjunto com a professora Vanessa e direção.*
- *Participar da reunião da equipe gestora, sempre que possível.*
- *Acompanhar e oferecer subsídios para o trabalho pedagógico e educativo ocorrido nas salas/turmas, bem como realizar o registro desse acompanhamento.*
- *Acompanhar atendimento individual às famílias, juntamente com os professores, agentes e monitores.*
- *Acompanhar e participar das reuniões de setor*
- *Oferecer subsídios à equipe, para a realização da Reunião Família e Educadores.*
- *Viabilizar leituras acerca das Datas Comemorativas, concepções de infância e de cultura infantil, construção de limites e Moralidade Infantil, das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil, Pedagogia Freinet, Tempos e Espaços Pedagógicos, Linguagem Oral e Escrita e outros demandas e temas que surgirem de interesse do grupo.*
- *Organizar Grupos de Estudos e de Trabalho formais e informais, em diversos tempos pedagógicos, nos temas da Pedagogia Freinet e outros temas que forem demandas do grupo.*
- *Organizar horários de utilização dos espaços coletivos*
- *Coordenar os tempos pedagógicos*
- *Garantir a implementação das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil*
- *Participar e colaborar com todo o processo de elaboração e desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico (PPP)*
- *Garantir a participação efetiva de todos na elaboração e desenvolvimento do Projeto Pedagógico (PP)*
- *Realizar e colaborar com o registro reflexivo dos TDC's, RPAI's e de todo trabalho educativo e pedagógico.*
- *Oferecer subsídios, acompanhar e reorganizar os projetos coletivos do CEI (Água, Horta e Integração Escola-Comunidade).*
- *Contribuir com mecanismo de comunicação entre todos os setores do CEI principalmente por meio de grupos de e-mail, blogs, Grupos e Página no Facebook.*
- *Organizar Aulas-Passeio, atendendo os interesses e projetos de cada turma.*
- *Colaborar e oferecer subsídios para a construção de portfólios e álbuns coletivos do*

trabalho das turmas e projetos, sem causar ônus demasiado, para o CEI.

- *Realizar leituras e oferecer contribuições e intervenções nos registros de TDC's e RPAI's, Caracterização das Turmas, Cartas Pedagógicas, Planejamento Trimestrais dos Projetos, Projetos de HP, relatório de avaliação das crianças, entre outros documentos de ordem pedagógica.*

Nesse período, ocorreram conflitos com outros profissionais, relacionados à minha defesa das questões de gênero, críticas à minha atuação como apoio pedagógico à gestão e denúncia caluniosa de minha conduta profissional, quando recebo uma comunicação de abertura do processo de substituição de vice-diretor educacional da EMEF Dr. Edson Luís Chaves- localizada no Jardim Santa Rosa e próximo à minha escola sede- e a supervisora do bloco das escolas da região faz esse convite para pleitear a vaga e participar do processo.

Mesmo não possuindo muita afinidade com o ensino fundamental, peso todos os conflitos que havia ocorrendo em minha vida e somando o fato de não estar me dedicando no trabalho com minha turma e não sobrando tempo para realizar todo trabalho de gestor, pois acumulava o trabalho com as crianças e o de auxílio à gestão, conforme já dito, opto por participar do referido processo seletivo.

Sou aceito no processo e em agosto de 2015 assumo a vice-direção da unidade de Ensino Fundamental “EMEF Dr. Edson Luís Chaves”. Foi uma experiência muito singular para mim, mudar para outro segmento e outra função, ainda mais de forma inesperada. Nunca fui um professor que ia direto ao embate com a gestão, mas estar do outro foi diferente ter uma visão macro da organização escola, olhar de outro ângulo...

Trago aqui a proposta de trabalho elaborada na época para a vice-direção que ficou bem em diálogo com O que foi efetivamente realizado, estando abaixo:

Sendo assim, pretendo me envolver e participar de todas as atividades que essa função irá requerer. Desejo contribuir de forma efetiva e integral, somando e agregando conhecimentos junto com a diretora educacional, a outra vice-diretora e a orientadora pedagógica, colocando-me a disposição para conversas, diálogos e explicações necessárias sobre o trabalho a ser realizado, sabendo que este já está em andamento, sendo muito necessário mais um Vice-Diretor na escola, pois a referida Escola de Ensino Fundamental conta com duas unidades educacionais.

Pretendo contribuir com a manutenção e ampliação da participação democrática nas decisões concernentes ao trabalho e atividades coletivas; participar e também realizar o atendimento cortês, acolhimento e encaminhamento das necessidades da população que busca a EMEF e empenhar-me junto com a equipe gestora existente na busca de uma melhoria continua no processo de ensino-aprendizagem de qualidade oferecida e desenvolvido pela escola. E ainda, irei me empenhar e me responsabilizar por todos os procedimentos e registros da rotina administrativa e pedagógica na organização da UE, além de toda atribuição que o cargo exige e que está prevista no Regimento Escolar Comum das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Campinas.

Gostaria muito de participar da equipe gestora de uma escola de Ensino Fundamental, como forma de vislumbrar outra realidade, para além da Educação Infantil e sua implicação na gestão. E agora, com afastamento da sala de aula, para substituição do cargo de Vice-Diretor que pleiteio poderei vivenciar efetivamente as especificidades da função de gestor, bem diferente da atuação por meio da Hora Projeto, que desenvolvi até o atual momento, neste ano de 2015.

Foi um ano de grande aprendizagem, voltando meu olhar para visão macro de escola, como já foi dito, mas foi necessário me ingressar no universo do ensino fundamental e da gestão escolar e aprender sobre os mesmos. Além do descrito no plano de trabalho, fiquei mais responsável pela rotina administrativa e da resolução de conflitos do período da tarde, que havia mais alunos do Ensino Fundamental II, o que foi uma potente experiência.

Aproximar-me de todo esse universo e estabelecer diálogo e parceria com outros membros da equipe gestora, da supervisão educacional e da equipe educativa do NAED, foi uma rica e significativa experiência. Para minha grande surpresa era mais fácil estabelecer parceria de trabalho com os professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do que com os do 1º ao 5º e grandes conflitos que ocorriam eram mais entre professores e alunos do que somente entre os alunos em si.

Uma questão que me surpreendeu foi o rompimento com a cultura infantil no ensino fundamental- o que já esperava encontrar-, pois com poucas exceções de alguns docentes, já nessa faixa etária a criança não mais brinca e nem faz suas experiências artísticas e corporais,

e qualquer atividade corporal mais ativa, ao simplesmente correr e falarem alto havia reclamações de professores e funcionários, sendo muito urgente e necessário a Rede Municipal de Ensino de Campinas construir um diálogo integração e parceria entre Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Ao ter minha trajetória docente toda na Educação Infantil sempre vi presente as crianças viverem a cultura infantil, com autonomia e liberdade, livre expressão e escolhas, seu protagonismo e autoria infantil em tempos e espaços múltiplos, fluidos e não hierarquizáveis. Ao chegar à escola de Ensino Fundamental muita coisa muda, neste espaço vejo uma infância que não é a que queremos para as crianças, com tempos e espaços inadequados e com práticas e currículos que há muito tempo causam exclusão. (PERES, 2012)

Peres (2012) coloca que tanto a Educação Infantil, como o Ensino Fundamental devem ser momentos de viver a infância de corpo inteiro, sendo uma experiência lúdica, da brincadeira livre; da criatividade; da imaginação; do faz de conta; do desenvolvimento de atividades de expressão: desenho, pintura, dança, poesia, teatro, fala e a leitura e a escrita, que deve ser mais uma forma de expressar e comunicar e não a única.

E trazer textos “de verdade” e não aqueles mecânicos, só para o momento da alfabetização, e pensar nesse processo como função social e prática cultural da leitura e da escrita e não apenas focado na decodificação do código escrito e linguístico. Nesse processo é preciso contemplar as diversas formas de expressão oral, escrita, corporal e plástica. (PERES, 2012)

O ensino fundamental muito tem a aprender com a educação infantil, para que nossas crianças tenham o direito de se alfabetizar e letrar com emoção, diversão, prazer e interesse. A ludicidade deve ser um princípio pedagógico para qualquer idade do humano e não apenas para crianças até seis anos e restrito no segmento da Educação Infantil, pois é mais um direito da infância, para além dos seis anos de idade. (PERES, 2012)

Achei que seria uma carga sobre-humana de trabalho, mas como havia outra vice-diretora nas salas descentralizadas, quatro coordenadores de ciclo, duas secretárias, duas professores de apoio à gestão e duas agentes de organização escolar, vi que tinha um grande suporte, que foi bem melhor do que esperava e consegui realizar meu trabalho, pelo que tinha previsto e considerando as condições dadas.

Permaneço neste novo cargo até 31/12/2015, pois pelas normativas municipais essas portarias finalizam em todo último dia de cada ano, pois como meu cargo original é de professor devo atribuir a turma e iniciar com a mesma, para depois prestar outro processo seletivo.

A ideia era essa, mas como havia me removido para mais próximo, acabei optando por permanecer no CEI Professora Hermínia Ricci, já que estava mais perto de casa e sentindo falta de estar com as crianças, mesmo estando em uma escola bem conflituosa foi bom voltar estar em turma.

Porém, como já dito anteriormente, tive muito conflitos com a equipe por concepções de educações diversas da que acredito; com algumas famílias por não concordarem com minha proposta de trabalho e uma resistência por ser um professor homem na educação infantil e por não me identificar com o projeto da escola, mesmo estando apenas um ano na unidade, acabo me removendo para outra unidade : o CEI Agostinho Páttaro, unidade que estou até os dias de hoje.

No CEI Agostinho Páttaro, logo de inicio fui estabelecendo uma boa e positiva relação com a gestão, nunca é um mar de rosas e nem vida de Poliana, mas é uma gestão que possibilita e acredita em propostas diferenciadas, promove a formação continuada e impulsiona o trabalho.

Desde quando substituí vice-direção, não assumi mais nenhum cargo de gestão escolar, mas me interessei muito pelos assuntos dessa ótica, em conjunto com a política e legislação educacional, bem como fui me aproximando do interesse em tais funções, chegando nesse ano e no seguinte a prestar concurso público para orientador pedagógico e vice-diretor.

Após ter vivenciado algumas experiências na gestão escolar, tive meu olhar ampliado e refinado, para o trabalho coletivo e institucional da escola, como um todo, e deste modo minha prática com as crianças foram dialogadas com o projeto pedagógico e as diretrizes e documentos curriculares municipais, fato que fui tendo de forma mais efetiva, após minha atuação com o fazer gestor.

Conforme já narrado neste memorial, fui seguindo nesse percurso formativo do professor-gestor, olhando os editais dos concursos, lembro que eu não tinha a habilitação em gestão escolar, e como não havia a formação pelas habilitações, opto por ir até a minha universidade onde realizei a minha licenciatura em Pedagogia e retorno à graduação, para complementar a formação em gestão escolar que não possuía.

Como não havia mais habilitações, segundo uma mudança na legislação pela Diretriz Curricular do Curso de Pedagogia, de 2006, eliminei as disciplinas que havia feito anteriormente, e fiz disciplinas da área da gestão escolar e educação não formal, junto com os estágios supervisionados nestas áreas, e saio com outro diploma em Pedagogia, de formação generalista, mas agora habilitado para gestão escolar, pensando em algum futuro concurso de

gestor, pois após ter substituído vice-diretor estava surgindo em mim essa vontade, apesar de adorar estar na turma com as crianças.

Começo essa complementação em 2016 e concluo em 2017, um ano me deparando com questões de reflexão e estágio supervisionado em gestão escolar. Em paralelo fico sabendo de um MBA em gestão escolar, em parceria USP/ESALQ, no formato à distância, mas com aulas ao vivo e com uma estrutura e qualidade muito profissional e cuidadosa, foi meu primeiro curso EAD que faço, no qual gostei muito. Faço essa formação, pois estava querendo me aprofundar sobre aspectos da política e gestão educacional.

Começo essa pós-graduação em 2016, em paralelo com a complementação na Pedagogia, para até ter mais uma possibilidade de formação e habilitação, para poder assumir algum cargo público ou função na área da gestão escolar, caso me desse vontade.

Por motivo da conclusão do curso em agosto de 2018, escrevo um artigo sobre gestão democrática e o Conselho Municipal de Educação, sob a orientação da Professora Tathiana Gouvêa, no qual, também abordo o conselho de escola.

Muito motivado pelos princípios da gestão na Rede Municipal de Campinas, por acreditar nos colegiados como forma de participação da comunidade, decisão coletiva, garantia de direitos e justiça social e construção de uma educação de qualidade e por minha atuação nos: Conselho de Escola, Conselho das Escolas Municipais e Conselho Municipal de Educação, eu opto pela escrita desse artigo, no qual fiz a defesa em evento na ESALQ e já apresentei no seminário Fala Outra Escola, deste ano, na UNICAMP, faltando agora em uma publicação em revista.

Concluindo agora sobre esse percurso dialógico do professor que também atuou como gestor, nessa contradição profícua que tenho de gostar de atuar com a docência, formação e gestão, participo de um concurso público de coordenador pedagógico e supervisor educacional, da Prefeitura de Campinas. Pelo que olhei os gabaritos fui bem e poderei ficar bem classificado, agora vamos aguardar e terei que pensar em qual rumo seguir, se enfrento o desafio mudança de função ou se prefiro ficar/ estar com as crianças no cotidiano- que é maravilhoso- com suas poéticas, estéticas, autorias e singularidades.

Agora olhando para outro prisma da gestão, o quanto o trabalho se modifica e aprimora, quando a gestão da escola acredita nele, voltando a falar um pouco da Pedagogia Freinet.

Pude vivenciar isso quando fui para o CEI Agostinho Páttaro, logo nas minhas primeiras visitas à escola vi como a gestão era envolvida em todos os processos pedagógicos e

cotidianos da escola. Não constava uma distinção entre o pedagógico e o administrativo-burocrático, via o administrativo e operacional a serviço da escola e dos projetos.

Além de todo esse envolvimento pedagógico, a escola é impecável no administrativo, com todas as ações de vida funcional dos servidores e gestão de pessoas em dia e sem erros, com diversidade de material, entre outras.

É uma equipe gestora que sempre trouxe formação para os projetos ateliês, horta, cineclube, entre outras propostas diferenciadas da escola. Até chegou a propor um ateliê e oficina, para tentativa que todas as turmas participassem do projeto, para até haver um ateliê a mais.

Toda essa articulação e diálogo com os projetos e com todo cotidiano influi na continuidade do projeto, na reelaboração e construção coletiva de outras coletivas, como a integração entre as turmas que eu e uma professora- e às vezes com outras professoras- fazemos, como um grande ateliê e oficinas no parque e contribui até no fato das crianças se sentirem felizes no grande espaço da escola. Chegaram até a coordenar Hora Projeto para planejamento e organização do Projeto Ateliê e em 2018 ficaram reesponsáveis por um grupo de estudos, pensando na formação para o projeto, sendo negativo que nem todos da equipe participavam.

Muita coisa tem tornado difícil, antes o projeto ateliê ocorria por quatro dias na semana, agora ocorre em um dia, muitos profissionais não querem participar do mesmo, muito por conta de muitas pessoas novas na escola e as autoras do projeto não estão na escola- apenas uma ainda é da escola- e ainda estamos em um momento de construir e estudar juntos, para elaborar e edificar o nosso projeto, mas esse não é bem o foco aqui.

Por fim, abordando o CEI Tancredo Neves que atuo com propostas e princípios da Pedagogia Freinet, em conversas nas formações dessa área e no CEFORTEPE, com as minhas colegas freinetianas que eram da escola- pois a maioria se aposentou. As mesmas relatam que a diretora Rubia Cristina Cruz- membro de GEPEC e professora da Metrocamp- que também dialoga com os princípios de Freinet, desde que chegou à escola, a mesma oferecia condições para que um trabalho de qualidade acontecesse.

Claro que tudo confluía para a prática e proposta freinetiana fosse o princípio da unidade, pois todas as professoras do período da manhã acreditavam nessa filosofia e já a praticavam.

E com a chegada da diretora Rúbia Cruz, o grupo foi se construindo como coletivo e se afinando como equipe de trabalho e se constituindo em uma relação pessoas de amizade. O

fato da maioria das professoras só ter trabalhado nessa escola da Rede Municipal de Ensino de Campinas, facilitou e foi essencial para a constituição coletiva do grupo e do trabalho em si.

Em conversas informais e de amizades, tais professoras disseram que, com a Rúbia, dava uma máxima condição para a realização de um trabalho com a Pedagogia Freinet e que valorize as singularidades e potencialidades das crianças, dentro das condições possíveis do cotidiano e da realidade.

Dentro disso podem pensar o que a diretora do CEI Tancredo Neves fazia, então digo que a mesma: comprava os materiais adequados e diversificados para a prática e o trabalho em ateliês; viabilizava e organização formações em momentos de Formação Continuada, Trabalho Docente Coletivo e Trabalho Docente Individual; possibilitou que os espaços das salas fossem organizados com a proposta de ateliês de Freinet e que todo espaço da escola dialogasse com essa Pedagogia; entre outras ações que houvesse uma conversa dialógica para a construção da proposta da Pedagogia Freinet da escola, considerando o cotidiano e o local, contemplando as Diretrizes Curriculares Municipais.

Chegaram a ter tanta afinidade de grupo e com a proposta que a equipe e a diretora iam juntas em congressos nacionais e internacionais e participar ou ministrar de palestras, rodas de conversas e formações juntas, sempre que possível.

Uma delas mesmo aposentada ministra uma formação em Pedagogia Freinet, junto com a Ruth Joffily- uma grande referência na área- e chegou a ir compartilhar sua experiência no grupo de estudos que coordeno no CEI Agostinho Páttaro, de modo que ela faz essa ação em várias escolas . Há que se falar que parte da equipe fazia uma assessoria na casa dessa professora, sobre o trabalho prático e o planejamento com a Pedagogia Freinet. Mostrava uma grande doação, disponibilidade e generosidade, pois tanto a Ruth e quem participava desses momentos, era sem certificação e remuneração eram momentos de militância com essa Pedagogia e por defesa de direitos à Educação de qualidade.

Hoje a maioria das professoras que possuíam essa prática na escola se aposentou, a diretora está com uma equipe quase 100% nova, então estão em um momento de reconstrução. A Rúbia está proporcionando formações e sensibilizações, e até processos de convencimento, para um encantamento com a Pedagogia Freinet- como aconteceu comigo em cursos outras professoras e com as profissionais dessa escola- para uma continuidade desse trabalho, no CEI Tancredo Neves e que se expanda para outras escolas.

Nesse aspecto dito e narrado acima é interessante observar uma construção constante de identidade institucional da escola pública, com as mudanças na equipe e aposentadoria.

Tanto que neste ano a diretora encampou um processo formativo com os professores novos na escola, sobre o projeto pedagógico da escola e a Pedagogia Freinet.

E, agora, no período de remoção a unidade educacional e membros da equipe tem divulgado em suas redes sociais o projeto da escola que dialoga com a Pedagogia Freinet, na tentativa de agregar na equipe docente que “compre” a ideia, queiram estar ali e se identifique com esta proposta e o projeto pedagógico do CEI Tancredo Neves.

Bom chegando ao momento final desse memorial de formação, este é um pouco do relato que dialoga com a Pedagogia Freinet, com a formação, gestão, questões e relações de gênero, trazendo os documentos curriculares municipais de Campinas e a concepção de uma criança autora, potente e capaz.

Não finalizo tudo que penso e reflito aqui, são apontamentos em movimento, pois como tudo que é formativo não está pronto e acabado, pode ser continuado, e desencadear outro trabalho e pesquisa, como a de um mestrado, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS

Olhando agora, para finalização deste memorial formativo, os diálogos com os trabalhos e registros produzidos no curso de especialização “Educação de Crianças e Pedagogia da Infância”, os estudos do mesmo, dialogando com minhas experiências e narrativas pessoais, profissionais e narrativas, não se esquecendo das crianças neste processo e dialogando com os autores das temáticas aqui abordadas, digo que foi um rico e significativo momento.

Foi a primeira vez que tive essa experiência acadêmica e de escrita de um memorial de formação, na finalização de um curso de especialização. Primeiramente foi bem difícil iniciar a escrita no EU- primeira pessoa- com meus relatos pessoais e singulares, na forma narrativa, pois em toda minha vida escolar acadêmica estava acostumado em uma escrita mais científica, mas foi uma potente e significativa vivência.

Outra dificuldade- e não empecilho- além da forma de escrita já dita aqui, pois coloquei a fala não com começo, meio e fim, mas com começos e meios, em uma forma mais narrativa, descritiva e poética, bem diferente do habitual em trabalhos acadêmicos.

A forma narrativa de articulação das minhas experiências formativas e de minha vida pessoal e pessoal com o protagonismo das crianças das turmas e escola por onde passei e com os teóricos e estudos da Pedagogia Freinet, gestão democrática, gestão da Educação Infantil, gênero e infância e na relação com a Educação Infantil, docência e infância, formação inicial e continuada foi bem significativo e potente, apesar de complexo e inovador e não habitual.

Toda essa articulação deste memorial teórica, formativa, pessoal e profissional produz conhecimento e pesquisa de outro lugar e de outro lócus, não convencional, como já dito, considerando as crianças, eu como autor do memorial, o eu professor e todo meu percurso da vida profissional, pessoal e formativa, na e pela constituição do meu ser.

Todo esse tipo de pesquisa e narrativa foi bem significativa e potente, na qual pude refletir sobre minha trajetória da formação, da minha profissão e da minha vida, pensando em como cheguei até aqui, todos meus objetivos anteriores e o que quero daqui para frente, não se esquecendo de e considerando muito as crianças e seus protagonismos e autorias, pois são partes fundamentais e fundamentais desse processo do meu eu professor e do meu eu formador.

Ficam aqui todas as reflexões, narrativas, percursos, movimentos, formações, estudos, pesquisa, falas, experiências, vivências aqui já faladas e discutidas, ficando uma abertura para futuros relatos e pesquisas, como projeto de mestrado, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I.; MARQUES, A.C.T.L. A Documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. Cultura Escolar e Formação de Professores. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v.20, n. 44, p. 413-428, set. /dez.2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em 30/09/2019

BRASIL. **Lei n.9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 29 /09/2019

CADERNO CURRICULAR TEMÁTICO. **Educação Básica**: Ações Educacionais em Movimento. Vol. 1 - Espaços e Tempos na Educação das Crianças. Prefeitura Municipal de Campinas. SME. Departamento Pedagógico. Campinas: SP, 2014.

CAMPINAS. **Portaria SME 114/2010, 30 de dezembro de 2010**. Homologa o regimento escolar comum das unidades educacionais da rede municipal de ensino de Campinas. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/550774812.pdf>. Acesso em: 23/09/2019

CAMPINAS. **Resolução SME 04/2010, 24 de fevereiro de 2010**. Dispõe da criação dos conselhos consultivos no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <https://bibliotecajuridica.campinas.sp.gov.br/index/visualizaratualizada/id/87113>. Acesso dia 02/10/2019

CAMPINAS. **Resolução SME 01/2011, 13 de janeiro de 2011**. Altera a resolução SME 04/2010 que dispõe sobre a criação dos conselhos consultivos no âmbito da Secretaria Municipal de Educação. Disponível em: <https://bibliotecajuridica.campinas.sp.gov.br/index/visualizaratualizada/id/90638>. Acesso dia 02/10/2019

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil**: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil: **Perspectiva**, v.17, n. Especial, p.11-21, jul./dez. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539>

FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual Editora, 1997

FERREIRA, Gláucia de Melo (Org.). **Palavra de Professor (a):** Tateios e Reflexões na Prática da Pedagogia Freinet. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões. O estágio supervisionado na formação inicial dos educadores da infância: desafios e possibilidades. **Ensino Em Re-Vista**, v.21, n.2, p.233-248, jul./dez. 2014. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/download/28018/15427

LARROSA, J.B. Notas sobre a Experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan/abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 5ed. MF Livros: Goiânia, 2008

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Tradução e organização de José Gabriel Perissé. Editora Massangana: Recife, 2010. (Col. Educadores - MEC)

LÜCK, H.; Freitas, K.S.; Girling, R.; Keith, S.. **A Escola Participativa: O trabalho do gestor escolar**. 10 ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2012

MONTEIRO, Mariana; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação no início da carreira docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n.153, p. 720-741, jul./set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300012.

MICARELLO, H. **Avaliações e Transições na Educação Infantil**. In ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo, Editora Scipione, Série Pensamento e Ação no Magistério, 2005.

OSTETTO, L.E (org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**. Campinas, Papirus Editora, 2006

OSTETTO, L.E (org.). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores.** Campinas, Papirus Editora, 2008

PALMEN, S.H.C. Reflexões sobre a especificidade da gestão na educação infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v.XIII, p.41- 43, 2015.

PERES, E. A infância para além da Educação Infantil: construindo uma nova cultura escolar para a alfabetização das crianças de 6 anos. In BARBOSA, M.C.S.; DELGADO, A.C.C. & Col. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos.** Porto Alegre: Penso, 2012. P. 59-68.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Diretrizes curriculares da educação básica para a educação infantil:** Um processo contínuo de reflexão e ação. Secretaria Municipal de Educação. Departamento pedagógico/ Org: Miriam Benedita de Castro Camargo/ Coord. Ped. Heliton Leite de Godoy. Campinas: SP, 2013.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. **Freinet:** Evolução Histórica e Atualidades. São Paulo, Editora Scipione, Série Pensamento e Ação no Magistério, 2002.

SOUZA, S.A. Gestão democrática da escola e participação. **Revista Educação e Política em Debate**, Uberlândia, v. 01, n. 01,173-187, 2012